

MARIA



Espiritualidade
que liberta

Preconceito
na Igreja
do
Império

**Desafio da fome,
nas grandes cidades**

Ave, Maria!

"Ave, Maria (alegra-te, Maria)."

A saudação do anjo Gabriel abre a oração da Ave-Maria. É o próprio Deus que, por intermédio de seu anjo, saúda Maria. Nossa oração ousa retomar a saudação de Maria com o olhar que Deus lançou sobre sua humilde serva, alegrando-nos com a mesma alegria que Deus encontra nela.

"Cheia de graça, o Senhor é convosco."

As duas palavras de saudação do anjo se esclarecem mutuamente. Maria é cheia de graça porque o Senhor está com ela.

A graça com que ela é cumulada é a presença daquele que é a fonte de toda graça. "Alegra-te, filha de Jerusalém... o Senhor está no meio de ti" (Sf 3,14.17a). Maria, em quem vem habitar o próprio Senhor, é em pessoa a filha de Sião, a Arca da Aliança, o lugar onde reside a glória do Senhor: ela é "a morada de Deus entre os homens" (Ap 21,31. "Cheia de graça", e toda dedicada àquele que nela vem habitar e que ela vai dar ao mundo.



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Nestor A. Zatt

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 1º andar. Tel: (011) 3666-2128 e 3823-1060 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 25,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin, RS; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Luzia Brancatti Stephaneli, Piracicaba, SP; Andréia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V. Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

www.avemariainternet.com.br



Ver de novo é possível

Na recente viagem do Papa à Croácia – a 100ª do seu pontificado e a 3ª àquele país –, ele lançou um veemente apelo a todas as confissões religiosas locais: cristãos (católicos e ortodoxos), judeus e muçulmanos para que reconstruam a sociedade na paz, baseados na justiça. Pediu aos dirigentes religiosos e civis que olhem, de forma nova, para a sociedade, "ferida pela guerra cruel, e não se cansem de sanar as conseqüências de um sistema totalitário que, durante muito tempo, tentou impor uma ideologia contrária ao homem e à sua dignidade".

Assim falando, João Paulo II faz ver, de novo, que a vida humana é mais importante que as culturas étnicas e religiosas, que o poder e suas tradições, seja do dinheiro, seja das castas ou ideologias, mais importante, enfim, que os territórios ou o petróleo. Foi com esse espírito que se opôs tenazmente à guerra no Iraque.

Neste número, em "Palavra do Papa" (p.6), o sumo pontífice fala de paz e corresponsabilidade. Festejando o 40º aniversário da encíclica "Pacem in Terris" do Beato João XXIII, insiste em que se ouça, de novo, o convite "para que o caminho social — onde todos devem tornar-se parceiros e protagonistas — seja embasado na preocupação com a verdade, a justiça, o amor e a liberdade".

A Campanha da Fraternidade (p.7) mostra a importância que o Estado deve dar ao cuidado com os cidadãos, especialmente com os idosos. Ver e rever os sistemas de Previdência, moradia e serviços urbanos exigem consciência e respeito com os direitos constitucionais de todos os brasileiros.

No artigo "Filosofia e economia" (p.8), de Frei Betto, recebemos uma lição sobre o pensamento humano que pode estar viciado pela cultura, filosofia, política, religião, ideologia ou pela ignorância. É saudável ver, de novo as "histórias bem contadas" e "as verdades inquestionáveis".

Em "Espiritualidade que liberta" (p.10), João Batista Libânio fala da espiritualidade de santo Inácio de Loyola, cuja festa é no dia 31 de julho. No centro de tudo, está o comprometer-se na construção do Reino. É a fé cristã que constrói a justiça e provoca a entrega de si à causa de libertação dos pobres.

A reportagem: "Desafio da fome, nas grandes cidades" (p.12), de Eduardo Russo e Adelino Dias Coelho, mostra uma prática exemplar da solidariedade, assistência e promoção das pessoas que o SPES (Serviço Promocional e Social) da Paróquia Sta. Cecília, SP, executa. É o olhar cristão comunitário que provoca uma ação renovada e libertadora.

Frei David R. dos Santos ajuda-nos a rever a história dos negros e brancos, dentro de ideologias, hoje condenáveis, leia: "Preconceito na Igreja do Império" (p.14).

Também na trilha da história da Igreja em "Vinte séculos de exclusivismo!" (p.17), Pe. José María Vigil, insiste que é preciso conhecer a realidade histórica, ver, de novo, os fatos, para saber donde viemos..., enquanto pessoas, que carregamos, em nossa cultura, o pluralismo ou o antipluralismo. O pensamento e o discurso doutrinário da própria Igreja Católica foram revistos no Concílio Vaticano II. Por que nós ainda não assimilamos, totalmente, esse pensamento?

Frei Geraldo A. Lima, em: "Não voltar para a aldeia" (p.22), dá-nos uma aula de conscientização sobre a ideologia urbana-globalizada-pagã que nos cega. Não nos permite enxergar a vida com as categorias de Jesus. O Mestre tem a preocupação e nos questiona: *Tendes olhos e não vedes, ouvidos e não ouvis?* (Mc 8,18). É preciso ver, novamente. Isto é, acreditar que uma nova maneira de ver é possível.

P.C.G



Ir. Joaquim



São Paulo, 3/6. A revista *Ave Maria* se orgulha de ter estampado, na capa da edição de junho, a foto do Irmão Joaquim. Quem é ele?

Irmão Joaquim Dias de Castro trabalha, atualmente, no Secretariado Vocacional Claretiano e é também Sacristão do Santuário do Coração de Maria, em São Paulo. Nasceu, aos 25/10/ 1915, em Elias Fausto, SP.

Entrou no Seminário, no dia 30 de agosto de 1933, em Guarulhos. Fez sua profissão perpétua como religioso consagrado em 2/2/1943. Na sua longa lista de trabalhos realizados para a Congregação, destacam-se os de alfaiate e enfermeiro.

A revista *Ave-Maria* tem um carinho e uma gratidão muito grandes por ele, porque, durante 34 anos, foi seu maior divulgador, visitando os assinantes, em suas casas, todos os anos.

Sua foto na *Ave Maria* de junho o retrata como arte-são. De fato, aprendeu a fazer terços, durante o semi-

nário. Usa diferentes tipos de material como: contas de vidro, de plástico, de madre-peróla, até de sementes, como: lágrimas-de-nossa-senhora, caeté, pau-brasil, caroços de azeitona, etc.

Ir. Joaquim, sempre muito bem disposto, alegre e amigo, confidenciou-nos que um terço de pau-brasil (como o que aparece na capa) leva de 7 a 9 horas para ser concluído. A perfuração das sementes, uma a uma, exige de 5 a 6 horas e seu encadeamento, de uma a duas horas.

Ao ter ilustrado a reportagem: “Feira de quem Faz”, nossa homenagem e agradecimento ao Ir. Joaquim, cujo trabalho é, para nós, exemplo de autenticidade, simplicidade evangélica e amor, sobretudo, modelo de religioso consagrado ao Imaculado Coração de Maria, na Congregação Claretiana.

Ajuda ao Iraque

Bagdá, 4/6. O arcebispo Paul Josef Cordes Presidente do Pontifício Conselho “Cor Unum” viajou ao Iraque, como enviado do papa João Paulo II, para coordenar as ajudas humanitárias da Igreja Católica no país. D. Cordes verificou, pessoalmente, as necessidades e condições que permitam à Igreja Católica atuar nos territórios martirizados pela guerra.

Terá de apresentar ainda, junto aos bispos e as ONGs católicas, um plano de ajuda

racional e coordenado que responda às emergências sanitárias, alimentícias e de reconstrução.

Durante os dias em que permaneceu no Iraque, o arcebispo Cordes, que estava acompanhado de especialistas do setor de ajudas humanitárias, encontrou-se com o núncio, os bispos, as organizações católicas e autoridades iraquianas.

No domingo, 1º de junho, celebrou uma missa na Catedral de Bagdá e no dia seguinte viajou para Mosul.

Missionários além-fronteiras

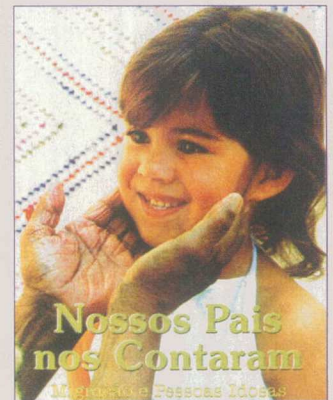
Tefé, AM, 27/5. Nesta data, o Presidente da Comissão para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial, d. Sérgio Eduardo Castriani, bispo prelado de Tefé, AM, presidiu a celebração eucarística de envio de quatorze missionários pela Igreja no Brasil além-fronteiras.

Os missionários participaram, no mês de maio, do Curso de Formação “Ad gentes” e receberam a cruz missionária. Eram onze religiosas, um presbítero, um diácono religioso e um leigo, que partiram para Angola, Moçambique, Camarões, Madagascar, Filipinas, Albânia, Peru, Paraguai e Estados Unidos. Junto com eles celebraram todos os bispos do Conselho Episcopal Pastoral. Após a celebração houve um jantar de confraternização.

Nobel da Paz

Brasília, 3/6. A Pastoral da Criança é indicada, pela terceira vez consecutiva, ao prêmio Nobel da Paz. A cerimônia oficial de indicação realizou-se, no dia 26, no Palácio do Itamaraty. A Pastoral da Criança é um organismo da CNBB que atende a 1,6 milhão de crianças menores de seis anos, 71.797 gestantes, 1.156.554 famílias, em 3.549 municípios do Brasil. Atualmente existe em quatorze países. Informações: (41) 336-0250 ou pelo e-mail: juliana@pastoraldacrianca.org.br

Semana do migrante



São Paulo, 23/6. O Serviço Pastoral dos Migrantes, SPM realizou, de 15 a 22/6, a Semana do Migrante. Tema: *Migração e Pessoas Idosas*; lema: *Nossos Pais nos Contaram*. SPM- R. Caiambé, 126 - Ipiranga - São Paulo, SP. Tel.: (011) 6163-7064. E-mail: spm.nac@terra.com.br spmsp@terra.com.br

MISSÃO RENOVADA



Foto: Avelino S. de Godoy

Participantes da reunião dos agentes multiplicadores da revista Ave Maria.

São Paulo, 2/6. Cinco dias após a revista *Ave Maria* completar 105 anos de vida, reuniu-se, em São Paulo, na Faculdade Claretiana, o grupo dos “Agentes Multiplicadores”. O objetivo dessa reunião foi: conscientizar-se de que o trabalho da divulgação é também evangelizador; reorganizar o novo sistema de visitas, cobranças e contabilidade; motivar-se para a missão de angariar outros representantes da revista e inteirar-se das novas estratégias de divulgação.

A devoção a Nossa Senhora motivou os Missionários Claretianos a assumirem a evangelização, inspirados no estilo do fundador, Santo Antônio Claret. A vocação religiosa (conforme citam as Constituições dos Claretianos, nº 8) é entendida como “configuração ao mistério de Cristo e cooperação com Nossa Senhora no seu ofício de mãe na missão apostólica”.

O ofício de mãe ocorre no zelo, cuidado, atenção, educação, carinho, amor. Tudo para o bem dos filhos. E cooperar com Maria é ajudar as pessoas a crescerem na fé, na esperança e na caridade, na dimensão da justiça e da misericórdia.

A revista *Ave Maria*, a Bíblia e os outros livros da Editora Ave Maria são a con-

tinuação dos gestos de evangelização do santo fundador, Antônio Maria Claret. Com esse espírito os participantes assumiram o nome de “Agentes Multiplicadores”.

Recordou-se que a revista *Ave Maria* nasceu aos 28 de maio de 1898. Cento e cinco anos de vida ininterrupta! Era apenas um folheto de 4 páginas, 300 exemplares, “dedicado à Imaculada Virgem Mãe de Deus”. Hoje, em condições incomparavelmente melhores, mas iguais aos sonhos dos primeiros divulgadores que a fundaram, os presentes a esta reunião eram convidados a manter vivo esse ideal.

Um dia de reflexão, estudo e esclarecimentos sobre esse trabalho, outrora exercido pelos Irmãos claretianos desde 1907. Estiveram presentes diretores da Editora e da Revista *Ave Maria*, e funcionários que se dispuseram a dialogar e ouvir as ponderações daqueles que têm contato direto com os assinantes e conhecem críticas, idéias e sugestões a respeito da revista, sem dúvida, contribuição valiosíssima e altamente apreciada.

Todos renovaram o ideal missionário: levar a revista, de casa em casa, como homenagem ao Imaculado Coração de Maria.



A IGREJA NO MUNDO	4
• Notícias	
PALAVRA DO PAPA	6
• Paz verdadeira	
CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2003	7
• Políticas públicas para o idoso	
FÉ E CIDADANIA	8
• Filosofia e economia	
<i>Frei Betto</i>	
• Espiritualidade que liberta	10
<i>João Batista Libânio</i>	
• Desrespeito	11
<i>Pe. Zezinho, scj</i>	
REPORTAGEM	12
• Desafio da fome, nas grandes cidades	
<i>Eduardo Russo e Adelino Dias Coelho</i>	
FÉ E CIDADANIA	14
• Preconceito na Igreja do Império	
<i>Frei David R. dos Santos</i>	
LINGUAGEM POSITIVA	16
• Humanizadores adjetivos	
<i>Francisco Gomes de Matos</i>	
HISTÓRIA DA IGREJA	17
• Vinte séculos de exclusivismo!	
<i>José Maria Vigil</i>	
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ	20
• Maria Ana Mogas e Catarina Jarrige	
<i>Adelino Dias Coelho</i>	
REFLEXÃO BÍBLICA	22
• Não voltar para a aldeia	
<i>Geraldo A. Lima</i>	
LITURGIA DA PALAVRA	24
• De 3 a 31 de agosto	
<i>Adelino Dias Coelho</i>	
MEU LAR	30
• Falando consigo mesmo através do outro	
(Continuação.)	
<i>Wimer Botura Jr.</i>	
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR	31
• Senhora da enfermaria	
<i>Roque V. Beraldi</i>	
CULINÁRIA	32
<i>Yvonne Barros Oliveira</i>	
TURMA DA MAÍRA	33
<i>Tina Glória</i>	

Preparar um futuro de PAZ

Na audiência concedida, no Vaticano, em 15/5, a doze novos embaixadores junto à Santa Sé, a saber: Austrália, Zimbábue, Síria, Trinidad e Tobago, Etiópia, Letônia, Ilhas Fiji, Burundi, Geórgia, Vanuatu, Moldova e Paquistão, o papa João Paulo fez-lhes um discurso, do qual apresentamos uma parte:

"**O** nosso mundo vive um período difícil, marcado por numerosos conflitos, dos quais vós sois testemunhas atentas; isto preocupa muitos homens e convida os responsáveis das nações a comprometerem-se, cada vez mais, em favor da paz.

Nesta perspectiva, é importante que a diplomacia encontre a nobreza da sua origem. De fato, a atenção dedicada às pessoas e aos povos, bem como a preocupação pelo diálogo, a fraternidade e a solidariedade, estão na base da atividade diplomática e das instituições internacionais encarregadas de promover, em primeiro lugar, a paz, que é um dos bens mais preciosos para os indivíduos, para as populações e para os próprios Estados, cujo desenvolvimento duradouro pode ser garantido unicamente pela segurança e pela concórdia.

No ano em que festejamos o quadragésimo aniversário da encíclica *Pacem in terris* do Beato João XXIII, que foi também um diplomata a serviço da Santa Sé, nos anos atormentados da Segunda Guerra Mundial, é particularmente oportuno ouvir de novo o convite que ele fez para que o

caminho social se baseie em quatro "pilares": a preocupação pela verdade, pela justiça, pelo amor e pela liberdade. Não se pode instaurar a paz sem considerar as pessoas e os povos; ela edifica-se quando todos se tornam parceiros e protagonistas da edificação da sociedade nacional.

Depois do período dos grandes conflitos mundiais, a comunidade internacional dotou-se de organismos e de le-

No ano em que festejamos o quadragésimo aniversário da encíclica *Pacem in terris* do Beato João XXIII, que foi também um diplomata a serviço da Santa Sé, nos anos atormentados da Segunda Guerra Mundial, é particularmente oportuno ouvir de novo o convite que ele fez para que o caminho social se baseie em quatro "pilares": a preocupação pela verdade, pela justiça, pelo amor e pela liberdade.



Foto: L'Osservatore Romano

gislações específicas, para impedir que rebentassem novas guerras, que matam pessoas civis inocentes, devastando regiões e deixando feridas muito difíceis de curar. As Nações Unidas estão chamadas a ser, como nunca, um lugar central das decisões que se referem à construção dos países, e as organizações humanitárias são convidadas a empenhar-se de maneira renovada. Isto fará com que os povos interessados assumam a responsabilidade do seu futuro, permitindo-lhes passar do medo à esperança, da desordem ao compromisso na construção do seu futuro. É também uma condição indispensável para instaurar a confiança no seio de um país.

Por fim, faço apelo a todas as pessoas que professam uma religião, para que o sentido espiritual e religioso seja fonte de unidade e paz, e jamais constitua motivo de oposição entre os homens. Não posso deixar de recordar as crianças e os jovens que normalmente são os que mais sofrem as consequências dos conflitos. Tendo grandes dificuldades em esquecer o que viveram, podem ser tentados pela espiral da violência. É nosso dever preparar-lhes um futuro de paz numa terra de solidariedade fraterna.

Estas são algumas das preocupações da Igreja Católica que eu queria partilhar convosco esta manhã. Sabeis quanto a Igreja está empenhada na vida internacional, nas relações entre os povos e no apoio humanitário que são expressões da sua missão primordial: manifestar a proximidade de Deus a todos os homens.

João Paulo II



Políticas públicas para o idoso

Terminado este tema, iniciado na edição passada, serão tratadas algumas questões importantes como Sistema de Previdência, moradia e condição da cidade para os idosos.

A saúde é também uma responsabilidade pessoal. Pois o corpo é nossa morada. É por meio dele que temos visibilidade. Ao Estado, compete a promoção e a manutenção das políticas públicas e de serviços de qualidade.



Ações do Plano Integrado Governamental na Política Nacional do Idoso, PNI.

Ministério da Saúde: Campanha Nacional de Vacinação Antigripe para Idosos; momentos de cirurgia na forma de Mutirão (hérnia, catarata, varizes e próstata); Internação Domiciliar (Portaria 2.416, de 23/03/98); Hospital Dia Geriátrico (Portaria 2.414, de 23/03/98).

Ministério da Justiça: esforço no sentido de capacitar promotores públicos para os direitos de defesa do idoso; no campo da legislação. É obrigatório o funcionamento do Conselho Nacional do Idoso; apoio e incentivo à criação dos conselhos estaduais e municipais do Idoso, ainda não existentes em alguns estados e na quase totalidade dos municípios brasileiros. Os governadores, os prefeitos, as assembleias legislativas e câmaras municipais de vereadores são os primeiros responsáveis pela implantação e funcionamento desses conselhos.

Cumprindo a lei que determinou a criação do Conselho Nacional do Idoso e, por conseguinte, os conselhos estaduais e municipais, é que se poderá garantir uma política pública de atenção ao idoso e também a participação no controle social. É importante a participação nos Conselhos Municipais de Saúde, Assistência Social, Educação,

Comissões do Trabalho e do Trânsito já existentes, pois os municípios só poderão receber verbas destinadas a programas relativos aos idosos se esses conselhos estiverem em pleno funcionamento. As associações, sindicatos e as entidades religiosas pouco estimulam ou mobilizam os idosos a participarem nos conselhos.



Foto: Avelino S. de Godoy

Não existe a "Coordenação Nacional da Política de Atenção ao Idoso", ligada à Secretaria de Estado de Assistência Social, que exerça uma gerência autônoma e tenha estrutura administrativa e de pessoal para coordena-

nar a PNI, o que dificulta a consecução de resultados satisfatórios na área.

Algumas questões importantes:

Sistema de Previdência

A aposentadoria é o seguro para o tempo da velhice. No Brasil, aposentar-se, viver dos "benefícios" da aposentadoria é geralmente dar de cara com a pobreza. A grande maioria das aposentadorias não dá aos aposentados a possibilidade de uma vida digna. Junta-se a isso a péssima qualidade oferecida pela rede pública de atendimento à população. Apesar da veracidade dessas afirmações, na crise que o Brasil atravessa, foram as poucas aposentadorias que apoiaram muitas famílias quando o desemprego chegou. O aumento da longevidade exige um novo sistema previdenciário para que não se culpem os velhos pelos déficits da Previdência no Brasil.

Moradia

"Quando o abrigo é seguro a tempestade é boa", disse um poeta inglês. A casa é nosso abrigo. Nela guardamos nossas mais caras lembranças. Onde vão morar os velhos? Com a família? E quando ela não mais existe, em instituições, asilos, casas de repouso, residências, repúblicas? Como devem ser essas instituições? Cabe ao Estado e à sociedade pensar nessa questão. Pois pensar nela implica refletir sobre as transformações da família na contem-

poraneidade e sobre quem cuidará dos velhos no dia de amanhã.

Também implica pensar em como a moradia prevê o aumento da longevidade de seus ocupantes. Pois, muitas vezes, o abrigo, com o passar dos anos, torna-se hostil, transformando-se em uma prisão que pode inviabilizar a continuidade da vida independente e autônoma dos idosos. Deve-se, portanto, pensar na moradia para toda a vida, conceito já mundialmente aceito e desenvolvido com sucesso em muitos países.

Cidade

Os que envelhecem têm direito à cidade que ajudaram a construir. As cidades são acolhedoras? Permitem a acessibilidade física e social aos idosos? Os meios de transporte garantem a acessibilidade? As cidades são pensadas para os velhos? Existem praças como lugar possível de lazer e descanso? Os velhos fazem parte da paisagem urbana? Entende-se a acessibilidade como uma cadeia formada por distintos elos: o urbanístico, o arquitetônico, o de transporte e o de comunicação, os quais devem funcionar absolutamente entrelaçados.

A cidade, do jeito que está, não atende às necessidades dos velhos. Ela é pouco receptiva aos seres mais idosos. Temos que pensar nela a partir da velhice vivida, o que significa estudar os próprios velhos e adaptar a cidade às suas necessidades. Com a idade, os elementos responsáveis pela necessária interação homem/ambiente deterioram-se: mobilidade reduzida, menor capacidade visual e auditiva, lentidão, sensível diminuição na coordenação e na capacidade de simultaneidade de reações, maior dificuldade de interpretação de cenários complexos ou com excesso de informação. 🌊

(Continua na próxima edição.)

Filosofia e

Frei Betto

A história é repleta de mentiras bem contadas. Tão bem contadas que soam como verdades inquestionáveis. É o caso da filosofia, que muitos acreditam ter nascido na Grécia. Claro, a Grécia fica na Europa... e o que de bom poderia vir de outra parte do mundo antes do descobrimento da América?

A ótica eurocentrista apossou-se da filosofia como, hoje, o presidente Bush arvora-se em intérprete da vontade divina e acredita que o Senhor dos Exércitos o inspirou a combater, em defesa do Bem, o Mal encarnado em Saddam Hussein e seus súditos. A propósito, vale lembrar o que disse o profeta Isaías, que viveu há 2.800 anos: *Ai dos que dizem que o mal é bem, e o bem é mal, dos que transformam as trevas em luz e a luz em trevas, dos que mudam o amargo em doce e o doce em amargo!* (5,20).

Só quem ignora a sabedoria da literatura oriental, dos vedas aos textos bíblicos, pode acreditar que a filosofia é filha dos gregos. Como se a lógica e a ética, a matemática e a epistemologia, já não deitassem raízes no pensamento e nos escritos de sábios chineses e indianos, sumérios e egípcios. Se o Oriente fosse tão pouco lógico, como tenta impingir-nos a arrogância eurocêntrica, os chineses não teriam inventado a bússola e o timão, o cultivo em fileiras e o alto-forno, a pólvora e o estribo, o mastro múltiplo e o carrinho de mão, o papel e a imprensa (centenas de anos antes de Gutenberg).

A filosofia, como busca do conhecimento pela via racional, é tão antiga como o ser humano. Embora tenha alcançado seu esplendor na Grécia, isso não significa que os povos antigos a ignorassem. Nem a ciência, nem a técnica

são frutos exclusivos do solo europeu. Os maias, na América Central, detinham conhecimentos científicos, como em matemática e meteorologia, tão precisos como os que são, hoje, comprovados por sofisticados instrumentos.

Filosofia vem de *filo*, amizade, e *sofia*, sabedoria. O filósofo é amigo da sabedoria, termo que encerra duas noções complementares, a de saber (racional) e a de sabor (experimental). Sábio não é o erudito. É quem procura a verdade para tornar a humanidade

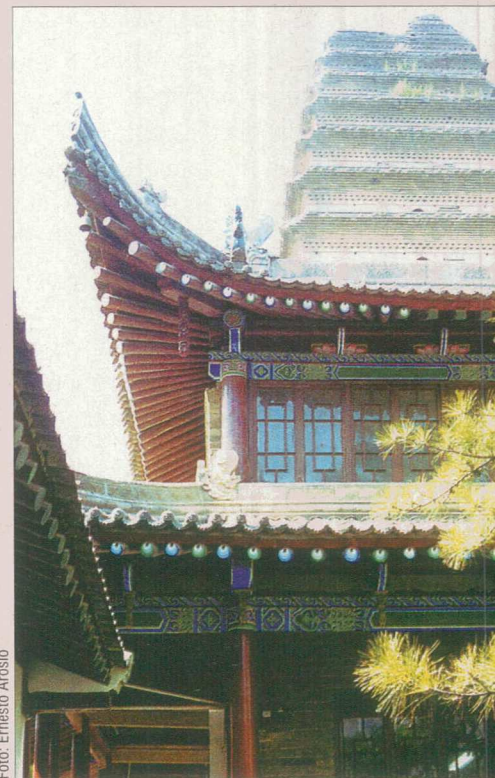


Foto: Ernesto Arosio

economia

mais feliz. E a verdade quase nunca reside nas aparências e nem é necessariamente captada pelos sentidos.

Pode-se aplicar à economia e à política essa mesma desconfiança que mascara a filosofia como criação grega. Haveria outra lógica econômica além da



Fotos: Arquivo

que adota o mercado como paradigma supremo? Se há, ela ainda é tão desconhecida como os escritos de Sócrates. Bem que o socialismo tentou e incorreu no mesmo erro da economia capitalista: divorciou-se da política. Assim, não conseguiu articular direito econômico e liberdade política. Restringiu esta para assegurar aquela. Saciou a fome de pão, mas não a de beleza.

Hoje, a economia de mercado prossegue tributária deste pecado original:

garante o seu êxito graças ao sacrifício da política, ou seja, do bem-estar da população. Submetida à perversidade dessa lógica econômica, que protege os ricos e penaliza os pobres, a política transforma-se em mera legitimadora da economia. É como a árvore que se vê cortada pelo machado... e percebe que o seu cabo é de madeira!

Como inverter a polaridade e submeter a economia à política e, sobretudo, aos direitos sociais? Eis um desafio a ser enfrentado pelos governantes, o que implica deparar com outro dilema, para o qual ainda não há solução: optar pela centralização do poder político, como faz a China para domar a ferocidade do mercado e obrigar a economia a andar nos trilhos de sua estratégia nacional, ou promover tamanha descentralização (algo como o orçamento participativo em nível nacional) capaz de transferir efetivamente o poder do Estado à nação.

A democracia é, ainda hoje, representativa. Para se tornar participativa seria preciso que a sociedade civil abandonasse sua atitude de beneficiária do Estado para assumir o papel de protagonista. Ou, como diria Platão, que o cidadão deixasse de mirar as sombras da caverna e, livre das amarras, encarasse a realidade de que a sociedade é ato primeiro e, o Estado, ato segundo. Esta é ferramenta daquela.

Acredito que o fortalecimento dos movimentos sociais e do Terceiro Setor tende a fortalecer esse ideal. Tomara que surja um novo Maquiavel que nos brinde, não com *O Príncipe*, mas com *O Povo*. E quem sabe Platão já não se sentisse tão frustrado se visse res-

gatada a sua utopia: a sabedoria do povo fazendo da política a mestra da economia, instruindo-a como ciência da vida, e vida para todos.

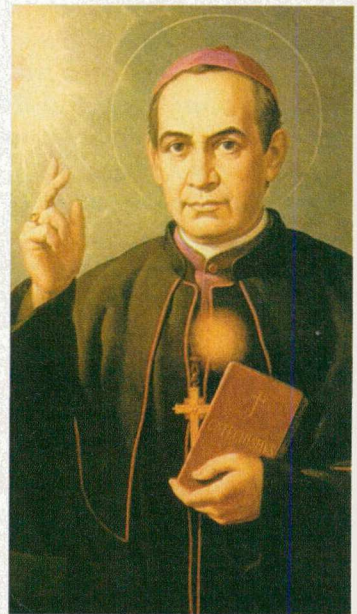
Talvez a economia (administração da casa) até mude de nome. Será então conhecida como bionomia (administração da vida).



Frei Betto é escritor, autor de "Alfabeto - Autobiografia Escolar" (Atica), entre outros livros.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Servidores da Palavra ao estilo de Claret, anunciando a Boa Nova do Reino a todos os povos e nações.



Venha conosco nessa missão!

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (19) 9604-2745 / 3242-2258 - Campinas-SP
pemaucio@mpec.com.br

CENTRO PE. JAIME CLOTTET
F. (46) 224-4129 - Pato Branco-PR
pe_gilson@zipmail.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (82) 326-8122 - Maceió-AL
missaoclairet@ofm.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (66) 437-1106 - Campinópolis-MT

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (31) 3218-7676 - Belo Horizonte-MG
pvbcent@uai.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (61) 351-1051 - Taguatinga-DF

Espiritualidade que liberta

J. B. Libânio

As circunstâncias ajudam-nos a ir mais a fundo na realidade. A festa de santo Inácio, no dia 31 de julho, oferece-nos excelente ocasião de entrar em contacto mais íntimo com a pessoa do santo e a espiritualidade que ele deixou para a Igreja como dom.

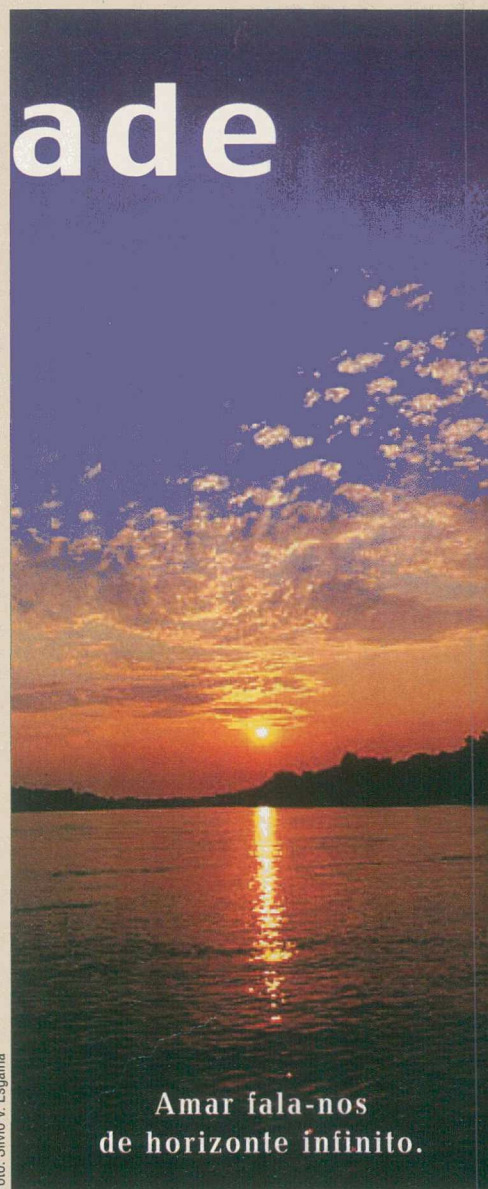
Na primeira metade do século XVI, Inácio participou do espírito de renovação que atravessou a Igreja no contexto da crise da Reforma Protestante. Esta tinha vindo como um acicate para a consciência de uma Igreja que decaíra muito do espírito de Jesus, envolvendo-se com as mundanidades do Renascimento. Inácio colaborou no revigoramento do espírito missionário de gratuidade para além dos limites da Europa, fazendo seus filhos chegarem até o Brasil. Homem de Igreja. O coração não tinha limites. Os pés estavam bem fincados na terra de seu tempo e lugar. Uniu em si a amplitude de um zelo universal com o serviço pequeno no cotidiano da Igreja.

A espiritualidade inaciana resume o ideal e o sonho de Inácio. A

matriz principal é o mistério da presença do infinito de Deus na carne da história. Ela existe para ajudar o cristão a discernir a presença de Deus atuando no coração da vida humana. Evita os dois extremos de uma espiritualidade alheia à existência dos humanos ou reduzida a tarefas terrestres.

Tornou-se muito conhecido um lema inaciano: "Eis a primeira regra para agir: deposita toda a tua confiança em Deus, como se todo êxito dependesse de ti e não de Deus; e põe tudo em prática como se Deus tudo fizesse, e tu nada". Apesar de ser uma formulação aparentemente incompreensível e engenhosa, retrata a dialética da teologia inaciana da graça.

Devemos confiar em Deus de tal modo como se ele fizesse tudo, e então cooperar, como se tudo dependesse somente dessa colaboração. Em toda atividade, é preciso estarmos conscientes de que Deus faz tudo e de que no auge da confiança em Deus, não devemos esquecer a própria ação. É tipicamente inaciano entregar-se totalmente a um trabalho, permanecendo interiormente livre para colocar tudo nas mãos de Deus. Sentir-se envolvido pela aparente loucura de uma confiança total em Deus e dela participar, empenhando-se ao máximo. Fazer tudo como se tudo dependesse de Deus com enorme espe-



**Amar fala-nos
de horizonte infinito.**

Foto: Silvio V. Esgalha

rança e confiança. Mas empenhar-se por isso mesmo com todas as forças humanas sem risco de vaidades ou reduções apressadas por saber qual é a fonte última de todo bem. Traduzindo numa frase: Em tudo amar e servir. Amar fala-nos de horizonte infinito. Servir retém-nos no dia-a-dia da entrega.

A espiritualidade inaciana incentiva a comprometer-se na construção do Reino em atitude de indiferença. Em termos de América Latina, implica uma entrega de si à causa da libertação dos

pobres, discernindo aí os sinais da ação de Deus. Articula uma atitude de despojamento com o entusiasmo por um projeto que exige pessoas generosas. Por maiores que sejam os ideais, é no pequeno do cotidiano que eles são vividos.

O traço cristológico marca essa espiritualidade. No centro está o seguimento de Jesus, alimentado por um conhecimento íntimo, adquirido na contemplação dos mistérios de sua vida. Conhecer para amar, amar para seguir. E isso na Igreja visível como um sinal de fidelidade concreta. A lucidez da espiritualidade não impede de perceber os limites da Igreja. Aceita-os e labuta para superá-los desde dentro e não saindo dela, e jogando-lhe no rosto os defeitos.

Para isso, cultiva-se o hábito e o carisma do discernimento pessoal e coletivo, pondo assim a serviço de todos o que se recebeu no espírito do evangelho: *Recebestes de graça, dai de graça!* (Mt 10, 8).

Resumindo numa frase, a espiritualidade inaciana busca encontrar a Deus em todas as coisas pela contemplação na ação. Sabe que Deus se faz presente nas mínimas coisas. E aí o descobre e a partir dessa experiência lança-se em qualquer ação.

A fé ilumina a presença de Deus. A justiça indica o horizonte do compromisso. É a fé a serviço da justiça ou a fé que constrói justiça. Essa articulação íntima entre fé e justiça garante fidelidade à revelação e à história. Ser cristão é viver de Deus no concreto de nossa humanidade. Esta é a proposta da espiritualidade inaciana.



J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

Desrespeito

Pe. Zezinho, scj

Triste sob todos os aspectos tem sido o desrespeito que tomou conta do país Brasil. Cidadão que desrespeita autoridades e invade propriedades do povo, governos que desrespeitam os pobres e os trabalhadores e pagam alto para os outros e baixo para quem trabalha de verdade, pais que desrespeitam os filhos, filhos que não valorizam os pais, e até os enfrentam.

pregar, no mínimo quinze vezes por ano nas igrejas. O Brasil está perdendo o respeito. Isso inclui o desrespeito pelo corpo, com abuso de sexualidade, de erotismo e de nudez nas programações da televisão.

A palavra é dura mas tem que ser dita: o Brasil perdeu a vergonha. E quando a perdeu, perdeu o respeito por si mesmo e pelos outros. Que se instaure essa matéria em todos os currículos de vida, porque

O Brasil está perdendo o respeito. Isso inclui o desrespeito pelo corpo, com abuso de sexualidade, de erotismo e de nudez nas programações da televisão. A palavra é dura mas tem que ser dita: o Brasil perdeu a vergonha.

Dentro das igrejas não é incomum o desrespeito de um grupo contra o outro, por pensarem diferente: imposição de idéias, imposição de fé, imposição de comportamentos.

Há um desrespeito geral pela pessoa humana, no campo econômico, no político, no social, no familiar e no religioso.

Talvez seja a matéria mais necessária nas escolas e faculdades no Brasil de hoje, e talvez seja um dos sermões mais necessários para se



Foto: Eduardo Russo

atrás do desrespeito, fatalmente vem a violência. O que está acontecendo agora é fruto do desrespeito de muitos e muitos anos. A continuar assim, teremos um país de marginais, em Brasília e em todas as cidades do país. O assunto é cidadania!



Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

Desafio da fome, nas grandes cidades

Eduardo Russo e
Adelino Dias Coelho

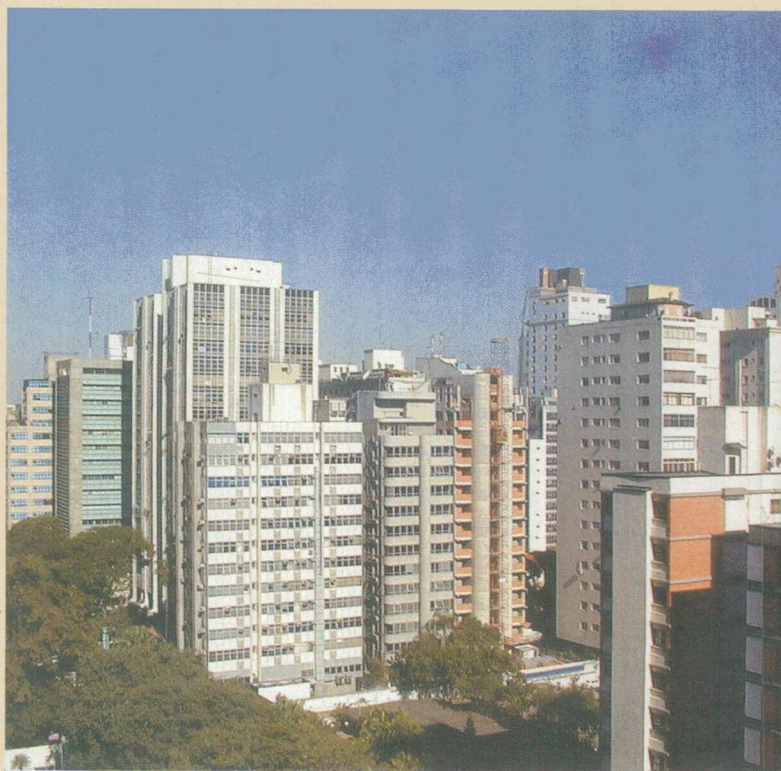


Foto: Avelino S. de Godoy

A Ave Maria de abril fez uma reportagem sobre o trabalho voluntário de idosos, no Serviço Promocional e Social da Paróquia de Sta. Cecília - Spes - São Paulo. A diretora, Irmã Emília Margonari, da Congregação das Irmãs de São José de Chamberry era, então, assessorada pela Assistente Social, Marila Aprigliano. É ela quem, hoje, a convite da Revista, aceitou dividir conosco um pouco de sua experiência no trabalho com os necessitados.

No editorial da revista Ave Maria de junho, Pe. Cláudio Gregianin descreveu muito bem a angústia que se apossa daqueles que querem ajudar os pobres de rua. Diz ele:

"De que forma dar chance a essa gente para que possa valorizar-se como pessoa pelo trabalho? Que apoio pode ser dado? Que oportunidades podemos criar? Dentre os mendigos com quem nos deparamos, para quais e para quantos deles nos disporíamos a dar emprego? Para nós, a dificuldade é tão grande quanto para eles saírem de sua situação, sozinhos, sem a ajuda de ninguém".

Todos os dias, a Ir. Emília e Marila vivem esse drama, no atendimento de muita gente necessitada, faminta e sem destino, principalmente, as crianças, os idosos e os deficientes.

"Ainda hoje, conta Marila, logo que abrimos a porta, chegou-nos uma família maltrapilha, com três crianças descalças, todos muito sujos, com fome e quase sem bagagem. Demos-lhes de comer e providenciamos roupas melhores. Trabalhamos,

uma tarde toda, para conseguir um local onde pudessem ser abrigados, sem separá-los. Confirmadas as cinco vagas, acompanhamos a família até o Metrô, pois ainda não sabiam andar na cidade. Este foi apenas um exemplo.

Mas isso acontece freqüentemente e, não raro, várias vezes no mesmo dia. É comum famílias chegarem sem saber para onde ir, sem parentes ou amigos na cidade, sem ter onde dormir".

AM- De onde vêm essas famílias?

Marila Aprigliano: Curiosamente, 75% da população aqui atendida não é paulistana, mas proveniente de outros estados. Embora o auge da indústria automobilística e da construção tenha diminuído bastante, ainda assim, a migração para São Paulo continua, em busca de emprego e de melhoria de vida.

A população empobrecida do centro velho da cidade, a maior da América do Sul e a terceira do mundo, torna-se fraca e vulnerável por enfrentar o desemprego, causado pelas transformações do setor do

trabalho. Além dos migrantes, há os moradores de cortiços e de rua, em condições de extrema miserabilidade.

AM: Qual o papel do Spes?

Marila: O papel de entidades filantrópicas, como o Spes (Serviço Promocional e Social), e dos postos públicos de assistência social, espalhados pela cidade, é atender as necessidades básicas dos cidadãos empobrecidos e isso acontece parcialmente, porque, nem os postos públicos nem os privados têm condições para atender a demanda.

Trata-se de população que chegou à última degradação humana, muitas vezes não tem o que comer e isto está acontecendo, hoje, numa cidade rica, mas cheia de miseráveis famintos.

AM: E o Fome Zero em São Paulo?

Marila: O combate à fome precisa ser veloz, atendendo quem necessita mais. O projeto piloto do Programa Fome Zero está começando no Piauí, nas cidades de Guaribas e Acauã, onde a situação é bem pior. Com certeza, a cidade pequena não tem os recursos de uma metrópole, mas isso não quer dizer que os grandes centros urbanos estejam imunes a essa calamidade.

Há uma luz no final do túnel e precisamos acreditar, pois o Programa Fome Zero exige participação de todos.

AM: Qual a importância das políticas locais?

Marila: Atender à população que tem fome exige ações emergenciais, mas também uma interação com outros projetos como: bolsa-escola, combate à desnutrição infantil e ao analfabetismo de adultos, saneamento básico e outras ações complementares para possibilitar a inserção social. Enquanto o indivíduo não adquirir um mínimo de autonomia para sustentar-se, tem que ser ali-



Fotos: Eduardo Russo

mentado pelo Estado como direito cidadão.

Há necessidade de políticas estruturais (geração de emprego, e renda, previdência social universal, incentivo à agricultura familiar). Mas, no caso das metrópoles, serão necessárias políticas locais como estão previstas no Programa Fome Zero: restaurantes populares, bancos de alimentos, parceria com varejistas, modernização dos equipamentos de abastecimento e novo relacionamento com as redes de supermercados.

AM - Vai demorar muito?

Marila: Nem tanto, pois, no caso de nossa cidade, foi uma surpresa saber que o Conselho Municipal de Segurança Alimentar existe, há dois anos, e o Banco de Alimentos, há um ano e meio, imprescindíveis para a implantação do Fome Zero.

Foi buscando subsídios para esta entrevista que acabei descobrindo a existência do Conselho e do Banco de Alimentos e pude habilitar o Spes, no Programa Fome Zero. É isso mesmo! Já está funcionando e deve melhorar.

AM - Qual seria sua conclusão?

Marila: É esta máquina do Estado que precisa ser mais transparente. Seja em que cidade se estiver, é necessário descobrir como acionar a política pública local, a fim de oferecer benefícios, direitos aos cida-

Atender à população que tem fome exige ações emergenciais, mas também uma interação com outros projetos como: bolsa-escola, combate à desnutrição infantil e ao analfabetismo de adultos, saneamento básico e outras ações complementares para possibilitar a inserção social. Enquanto o indivíduo não adquirir um mínimo de autonomia para sustentar-se, tem que ser alimentado pelo Estado como direito cidadão.



Marila Aprigliano

dãos, àqueles que necessitam.

Para nós que temos fé, todo esse esforço vale a pena visto que, por trás dos necessitados, está o Senhor que disse: *Todas as vezes que destes de comer, de beber, e acolhestes a um destes meus irmãos mais pequenos, foi a mim mesmo que o fizestes* (Mt 26,40).

Marila Aprigliano é Assistente Social do Spes - Serviço Promocional e Social da Paróquia de Santa Cecília, SP - Mestre em Serviço Social.

Falar da relação do/a negro/a com as religiões em geral é abrir um espaço para se discutir, invariavelmente, o papel do negro/a na sociedade como um todo.

Ressalta-se o lugar por ele/a ocupado nestes mais de 500 anos de evangelização, sofrendo o processo de "catequização" deste povo negro e dos índios, a partir da ótica do sistema dominante.

Preconceito na Igreja do Império

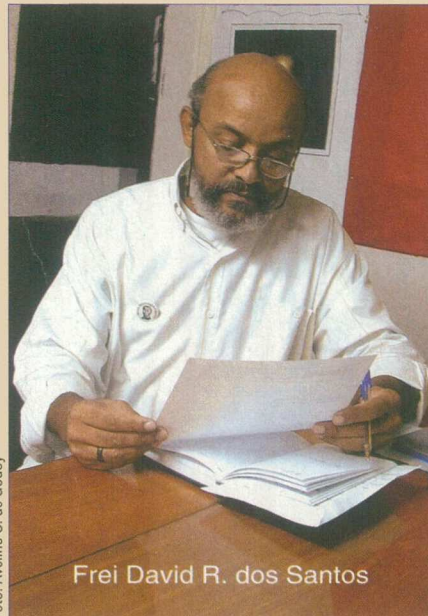
O autor deste artigo, Frei David Raimundo dos Santos, ofm, é Diretor Nacional da Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (Educafro), especialista em Liturgia Inculturada e em Ações Afirmativas para Grupos Excluídos.

A Igreja defendia o ponto de vista do colonizador e contribuía com este, através dos ensinamentos da fé cristã e da tradição católica, já que as culturas dos povos negros e indígenas eram consideradas inferiores e desprovidas de Deus.

A Igreja Católica, no período da escravidão, sempre defendeu a posição dos brancos, como superior, legitimando-se leis e convenções que lhes garantiam os melhores cargos, títulos e outros privilégios.

Desde o século XVI, os negros, os mestiços, cristãos novos e indígenas foram impedidos de ocupar cargos de confiança e de honra, sob a alegação de que não possuíam tradição católica e títulos de nobreza. Os argumentos empregados eram de natureza teológica e sociais. Afirmava-se que esses grupos pertenciam à raça impura, cujo sangue se encontrava manchado; daí, a expressão raça infecta, que aparece nos documentos coloniais. Para ocupar alguns cargos, o candidato deveria comprovar que era limpo de sangue, ou seja, que não tinha nenhum membro pertencente às raças impuras. Só assim seria considerado um homem digno de confiança, bom, virtuoso, temente a Deus, podendo ser honrado pela Igreja.

Assim, podemos afirmar que até os



Frei David R. dos Santos

Foto: Avelino S. de Godoy

fins do século XVIII, persistiu no Brasil um racismo de fundamentação teológica, que estigmatizava todos aqueles que descendessem de judeus, negros e indígenas, classificados como falsos cristãos, inimigos do reino, da Igreja, além de serem vistos como uma ameaça à fé, à doutrina e aos bons costumes.

Opções dos negros

Diante desta realidade, a tradição europeia católica ocupou todos os lugares na hierarquia da religião e o negro teve que se deparar com duas alternativas de ação: adaptar-se aos valores da cultura branca e europeia que

caracteriza a tradição católica, assumindo os hábitos e costumes de uma cultura que não lhe pertencia, ou resgatar suas raízes nas religiões afro, que mantêm as tradições africanas em seus cultos e celebrações.

Optando pela experiência cristã, dentro de um modelo tradicionalmente europeu, o negro católico abriu mão de vivenciar toda a riqueza cultural herdada da África, alienou-se das questões raciais, como a discriminação e o preconceito racial, a problemática da condição social precária como resultado do racismo mascarado pelo sistema social injusto.

Tudo isso em função de uma atuação limitada da Igreja na questão racial e social. A evangelização passou, necessariamente, por um processo de total ocidentalização, isto é, tornou-se viável a partir do investimento na deterioração das tradições afro presentes na população afro-brasileira.

A Igreja legitimou teórica, espiritual e praticamente a escravidão no Brasil. Ela tem como tradição histórica a tentativa de cooptação dos setores populares em favor de estruturas sócio-econômicas que os exclui. A Igreja passa a ser considerada um entrave para o ideal de libertação. As religiões afro, neste contexto, recuperaram um espaço significativo na vivência da fé da população afrodescen-

dente, pois representavam a forma real de resistência dos negros.

Negros pedem respeito

A classe dominante, sabendo da força e da importância de uma religião na vida de um povo, resolveu intensificar a perseguição à maneira de se comunicar com Deus do povo negro. Sabemos que Jesus Cristo e os valores do evangelho devem ser sempre o centro. A maneira de celebrar, de louvar e de ritualizar Jesus, cada povo, cada cultura tem o direito de definir, em sintonia com o seu processo cultural.

Nós, negros do Brasil, queremos que haja realmente liberdade religiosa para todos. Exigimos, especialmente, que todas as Igrejas, ditas cristãs, respeitem os cultos afro-brasileiros. Nossos irmãos negros e brancos que seguem os cultos afro-brasileiros em sua forma mais próxima do original ou nas formas sincretizadas, com os mais diferentes nomes, têm o direito de ter liberdade religiosa.

Conscientização

Esta preocupação com a questão racial é uma resposta às necessidades da população afro-brasileira, tanto no sentido de lutar pelo direito de vermos preservado o nosso espaço, quanto no sentido de promover a conscientização acerca da questão racial junto à população.

Numa pesquisa realizada pelo Data Folha (1995), verificou-se que 59% da população brasileira é formada por afrodescendentes. Estima-se que 30% daquele povo seja católico; outros 20% frequentam outras religiões, apesar de se dizer católicos; 20% seguem as religiões afro; 5% seguem as religiões espíritas; 20% seguem as religiões evangélicas e 5% sem definição específica de religião. É uma diversidade natural para um povo que vivie a Intuição e não a Instituição.

Estes dados são resultados de uma estimativa, pois não há pesquisa confiável que aborde esta questão. O governo segue os dados do IBGE, mas a população negra, no Brasil e no mundo, é marcadamente religiosa. Transitam entre as religiões sem dificuldades. Observa-se também que boa parte deste povo busca orientação nas religiões evangélicas. Como referencial de luta pelos direitos civis e raciais, temos o Pastor Martin Luther King, líder dos negros norte-americanos. Perguntamos: por que um pastor e não um ateu ou sem religião, tornou-se referência nesta luta?

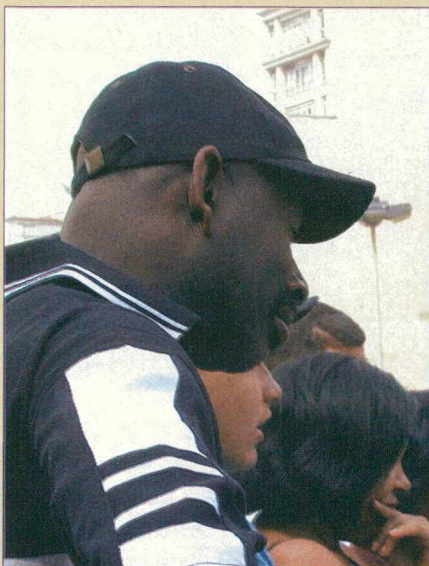


Foto: Eduardo Russo

A resposta a este questionamento faz com que reflitamos sobre a importância determinante das religiões cristãs no sustento da busca e conquista dos direitos civis e raciais da população negra norte-americana. Descobre-se que os líderes políticos negros norte-americanos, em sua grande maioria, foram gestados dentro das religiões cristãs. Resta-nos um outro questionamento: por que nos EUA as religiões cristãs foram e são instrumentos auxiliares no trabalho por ampliar as conquistas da população negra e aqui no Brasil pou-

cas são as religiões cristãs (ou pessoas) que desenvolvem este papel? A resposta a esse questionamento faz com que reflitamos sobre a importância determinante das religiões cristãs no sustento da busca e conquista dos direitos civis e raciais da população negra.

Podemos citar como iniciativa o trabalho da Igreja Assembléia de Deus e da Igreja Metodista. Na década de 80, o passo mais significativo nesta direção aconteceu na Igreja Metodista, onde houve articulações que resultaram no surgimento do "Ministério de Combate ao Racismo da Igreja Metodista". Este trabalho aconteceu em mais de dez estados brasileiros. Outro passo dado pelos negros metodistas foi o de conseguir que fosse aprovado, no último sínodo, a lei que orienta as escolas e faculdades metodistas a darem prioridade, na concessão de bolsas de estudo, em seus estabelecimentos de ensino, às mulheres e negros. No Rio de Janeiro, surgiu uma articulação de afrodescendentes provenientes de cinco diferentes Igrejas Evangélicas e que deu bons frutos.

Vale lembrar que todas estas informações resultam de observações a partir da realidade dos trabalhos realizados pelos grupos afros de base. Portanto, não há pesquisa elaborada para mensurar estes dados.



Educafro

É um dos 1.800 núcleos ou experiências de o pobre, negro ou branco, terem acesso ao Pré-vestibular Comunitário.

Contatos pelos telefones

(11) 3119-0341 e 3119-1244.

Fax: 3106-3411.

sedeeducastro@hotmail.com
membro.intermega.com.br/educastro

freidavid@saofrancisco.edu.br - Este artigo foi originalmente publicado na Agenda latino-americana/2003 e se encontra na integra na web: <http://latinoamericana.org>

Humanizadores adjetivos

Francisco Gomes de Matos

Como seres comunicativos, usuários de uma ou mais línguas — falada(s), escrita(s) ou de sinais (caso de pessoas surdas) — dispomos de um vocabulário que pode ser usado bem e para o bem (para esta distinção, conferir meu livro *Comunicar para o Bem - Rumo à paz comunicativa*. São Paulo, Editora Ave Maria, 2002). Uma das estratégias para nos comunicarmos para o bem interpessoal é saber escolher e usar uma adjetivação humanizadora. Humanizar nossa maneira de falar, escrever, escutar constitui enorme desafio, permanente. A propósito, o dramaturgo francês Molière, na sexta cena da peça *A Crítica da Escola para Esposas*, escrita em 1663, põe esta recomendação na boca de uma personagem: "Humanize sua linguagem. Fale para ser compreendida". Evidentemente, podemos interpretar a intenção do referido escritor como equivalente ao conselho "Seja clara".

Atualmente, daríamos outro sentido à ação de humanizar: dignificar comunicativamente, através das palavras e das construções que usamos. Em oficinas de comunicação construtiva em Português, costumo apresentar minilistas de adjetivos humanizadores, sem assim chamá-los, e o que esses itens teriam em comum. Uma vez transposto esse desafio, pergunto que benefícios poderiam ter/causar o uso de tal adjetivação, em quem, onde, quando, por que e para quê. Em suma, parto de uma sensibilização grupal quanto ao papel humanizador de tan-



Ilustração: Arquivo

Saber humanizar nossa maneira de falar, escrever, escutar constitui enorme desafio, permanente. A propósito, o dramaturgo francês Molière, na sexta cena da peça *A Crítica da Escola para Esposas*, escrita em 1663, põe esta recomendação na boca de uma personagem: "Humanize sua linguagem. Fale para ser compreendida".

tos adjetivos e ao dever que deveríamos cumprir, como promotores da paz, através de nossa comunicação. A esta

ALGUNS ADJETIVOS HUMANIZADORES

Pessoa "X" é...

- A** - amável, afetuosa, afetiva, amistosa, agradecida, alegre, atenciosa, acessível, amorosa, admirável, abnegada...
- B** - boa, bondosa, brilhante, batalhadora, bem-humorada, bem-aventurada, benevolente...
- C** - caridosa, carinhosa, clemente, cuidadora, compassiva, cordata...
- D** - digna, dedicada, delicada, dadivosa, devotada, diligente, disposta...
- E** - espiritual, estimada, educada, esforçada, empenhada, exemplar, esperançosa, entusiasta, empreendedora, eminente, empática, especial, extraordinária, engajada, experiente, equilibrada...
- F** - fiel, fraterna, flexível, forte, flexível, firme...
- G** - generosa, gentil, grata, genial, grande...
- H** - humilde, honesta, honrada, habilidosa, humanitária, hospitaleira...
- I** - íntegra, inspiradora, iluminada, ilibada, ilustre, inovadora, irênica (do grego; significa pacífica), imparcial, industriosa...
- J** - justa, jovial, judiciosa...
- L** - leal, lúcida, luminosa...
- M** - misericordiosa, magnânima, meiga...
- N** - natural, notável, nobre...
- O** - otimista, operosa, obediente, organizada, orante...
- P** - piedosa, pacífica, prudente, prestativa, polida, participativa, paciente, produtiva, perseverante, pátrioica, pura...
- Q** - querida, qualificada, quieta...
- R** - responsável, respeitosa, respeitável, religiosa...
- S** - simples, simpática, sábia, sensata, saudável, sociável, sonhadora santa, ...
- T** - tolerante, talentosa, terna, traquejada, trabalhadora...
- U** - universalista, unida, ufanista (que se orgulha de sua pátria)...
- V** - virtuosa, vibrante, versátil, valorosa, valente, venerável, vitoriosa, vivaz...
- Z** - zelosa.

altura, os leitores podem estar curiosos sobre a listagem mencionada, por isso, apresento, no quadro (página anterior), uma relação de adjetivos humanizadores, particularmente quando usada ao nos referirmos a outra pessoa, direta ou indiretamente. Caberá aos interessados ampliar a lista e buscar sua aplicação diversa, por exemplo: auto-aprimoramento do vocabulário (para uso nas profissões), ensino sistemático: saber adjetivar humanizadamente (ainda muito pouco trabalhado nas escolas, no ensino de Português como língua materna ou estrangeira), ler com atenção seletiva para a dosagem/freqüência de uso de adjetivos humanizadores.

Um esclarecimento, antes de apresentar a lista: as palavras não precisam estar em ordem alfabética, para que os próprios leitores as sequenciem devidamente, quando forem transcrevê-las em seu Pequeno Dicionário de Português para o Bem. Uma sugestão adicional: após dar uma olhada na lista, pergunte-se: quais dos adjetivos enumerados já usei/terei usado, estou usando/gostaria de passar a usar e em quais situações comunicativas? Por quê? Ao usar esse tipo de adjetivação, estarei me humanizando comunicativamente? Vivemos na época do automonitoramento, por isso, devemos exercer autocontrole sobre nosso saber adjetivar para humanizar. Que adjetivos preferimos? Como cristãos, quais deveríamos priorizar e por quê? Que qualidades espirituais deveríamos aprender a identificar nas pessoas e nos grupos com quem convivemos e a retratá-las em nossa comunicação?



Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Helder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

Vinte séculos de exclusivismo!

José Maria Vigil

A história é o ponto de partida temporal da realidade. Como foi o pluralismo — ou a falta dele — antes de nós?

É preciso conhecê-la para saber onde viemos, carregando em nossa cultura o pluralismo ou o antipluralismo. Porque não partimos do zero...

Nesta edição, continuamos a série de artigos sobre o Pluralismo Religioso, tema do Curso de Teologia Popular que o autor mantém na internet, em espanhol.



Fotos: Arquivo

Para desenvolver o tema do Pluralismo Religioso é importante olhar para trás, para o tempo de onde procedemos, a história. Hoje, temos todos, mais ou menos, um sentido de pluralismo e tolerância, ao menos na superfície, mas a história, da qual provimos, foi de séculos e até de milênios de "antipluralismo".

Falamos a partir da experiência dos cristãos, concretamente, de tradição ca-

tólica, mas acreditamos que se poderia dizer, de modo semelhante, a partir de outras tradições cristãs, inclusive de outras religiões. Referindo-nos a vários momentos simbolicamente importantes, dentro desta história.

Textos antológicos:

Do Antigo Testamento

Para a tradição cristã, o começo do antipluralismo pode ser encontrado na própria Bíblia. Todas as religiões têm sido muito centradas em si mesmas, desprezando as demais. O exclusivismo que podemos ver em alguns textos da Bíblia é expressivo. Todos eles no Antigo Testamento, AT, referem-se às divindades de outros povos, vizinhos. Depreciados como "ídolos" e descritos, negativamente: são obras de mãos humanas, coisas mortas (Sb 13,10), nada (Is 44,9), vazio (Jr 2,5; 16,19), mentira (Jr 10,14; Am 2,4; Br 6,50), demônios (Dt 32,17; Br 4,7). Só Javé é o Deus verdadeiro (Jr 10,10).

Por outro lado, o povo judeu do AT tem a convicção de que é um povo diferente, o "povo de Deus", o "escolhido", que deve viver separado dos "gentios", sem misturar-se. *Quando Javé, teu Deus te houver introduzido na terra que vais possuir, e tiver despojado em teu favor muitas nações, os heteus, os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus, sete nações maiores e mais poderosas do que tu; quando o Senhor, teu Deus, as tiver entregado e tu as tiveres vencido, então as votarás ao interdito (Dt 7,1-2).*

Israel deveria destruir, sem compaixão, os altares e imagens pertencentes àqueles povos derrotados e expulsos, e não fazer pacto algum com eles, nem casar seus filhos e filhas com os da raça deles. O Israel do Deuteronômio tem a convicção de ser o povo eleito, o santo, diante dos demais povos, adoradores de ídolos inúteis.

Essa posição agressiva do Deuteronômio não pode ser tida como algo que atravesse toda a Bíblia, mas somente como um ponto culminante, simbólico e chamativo.

Do século XV

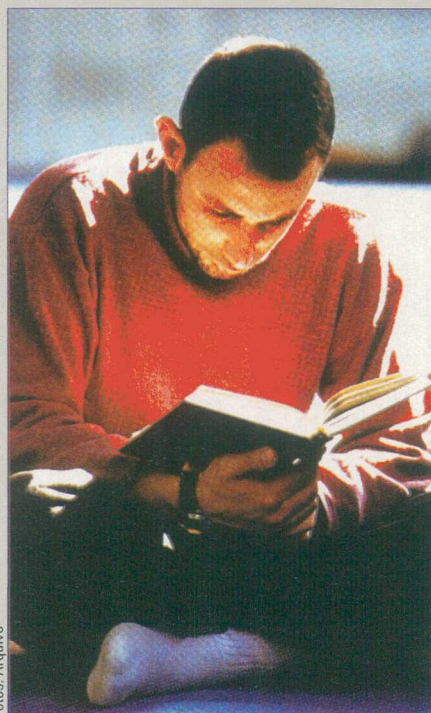
Nesse século europeu, encontramos outro ponto culminante, também simbolicamente muito importante, quando o Concílio de Florença, no ano de 1452, declarou: "firmemente crer, professar e ensinar que nenhum daqueles que se encontram fora da Igreja Católica, não só os pagãos, mas também os judeus, os herejes e os cismáticos, poderão participar da vida eterna. *Irão ao fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos* (Mt 25,41), a menos que, antes do término de sua vida, tenham sido incorporados à Igreja... Ninguém, por maiores que sejam suas esmolas, ou seu derramamento de sangue por Cristo, poderá salvar-se se não permanecer no seio e na unidade da Igreja Católica" (DS 1351).

A Europa daquela época vivia centrada em si mesma, ignorando a existência da América (faltavam 40 anos para a descoberta), e só conhecia o norte da África e, mais vagamente, o Oriente. Pensava que a mensagem cristã já tinha sido levada a todo o mundo, e que ninguém teria desculpa de não conhecer o Evangelho. Portanto, quem não estivesse na Igreja, seria por sua própria culpa.

Naquele contexto, fazia-se aquela declaração, em meio a uma tradição

que, há muito tempo, considerava que a Igreja era a única depositária da Verdade, que tinha recebido a plenitude da Revelação. As demais religiões eram vãs e sem possibilidade de salvação.

Fora da Igreja não há salvação (*Extra Ecclesia nulla salus*), dizia-se. Os que morriam fora da Igreja não poderiam participar da vida eterna e iriam para o fogo eterno. Pode parecer forte



Fotos: Arquivo

"A pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido, dentro dos devidos limites, de proceder segunda a mesma, em particular e em público, só ou associado com outros"
(*Dignitatis Humanae*, 2).

a afirmação, mas foi assim que se manifestou o Concílio de Florença.

Do século XIX

O papa Gregório XVI, na encíclica: *Mirari Vos* (Admirai-vos), de 15 de agosto de 1832, afirmou: "Outra coisa que causou muitos males que afligem a Igreja é o indiferentismo, ou seja, aquela perversa teoria estendida por toda parte, mercê dos enganos dos ímpios, e que ensina que se pode conseguir a vida eterna, em qualquer religião, contanto que haja retidão e honradez nos costumes... Dessa lamacenta fonte do indiferentismo, provém aquela absurda e errônea sentença ou, melhor dizendo, loucura, que afirma e defende a todo custo e para todos, a liberdade de consciência. Este pestilento erro se multiplica, escudado na imoderada liberdade de opiniões que, para ruína da sociedade religiosa e da civil, estende-se, cada dia mais, por toda parte, chegando à imprudência de alguns assegurarem que dela segue grande proveito para a causa da religião... A mais antiga experiência ensina como os Estados que mais floresceram por sua riqueza, poder e glória, sucumbiram pelo único mal de uma imoderada liberdade de opiniões, na oratória e pela ânsia de novidades" (n.os 9 e 10).

Este é somente um dos ataques que os Papas daquele tempo lançavam, solenemente, contra os "erros da época": o pensamento moderno, as liberdades sociais, a democracia, o que, hoje, reconhecemos como direitos humanos... No texto em questão, que não tem todavia dois séculos, nega-se frontalmente, e com pompa de desprezo, a liberdade de consciência, a liberdade religiosa, e o pluralismo religioso.

Do Concílio Vaticano II

"Este Concílio Vaticano, 1965, declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Esta liberdade con-

siste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido, dentro dos devidos limites, de proceder segundo a mesma, em particular e em público, só ou associado com outros.

Declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana, qual a palavra revelada de Deus e a própria razão a dão a conhecer" (*Dignitatis Humanae*, Da dignidade da pessoa humana, 2).

"A Igreja Católica não rejeita nada que seja verdadeiro e santo nestas religiões não cristãs. Considera, com sincero respeito, esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora em muitos pontos difiram do que ela mesma crê e propõe, não raro refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens" (*Nostra Aetate*, Neste nosso tempo, 2).

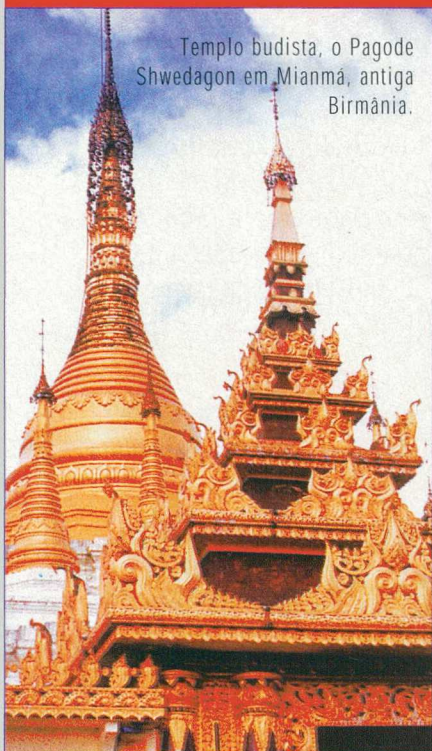
Foram 20 séculos!

Destacamos apenas quatro momentos importantes de uma história permeada de gestos e atos contrários, e, por fim, favoráveis ao Pluralismo Religioso. Embora não possamos demonstrá-lo, um balanço global desta história poderia ser sintetizada assim:

- Foram, praticamente, 20 séculos de exclusivismo. Em quase 2.000 anos, o Cristianismo pensava global, oficial e majoritariamente que era a única religião verdadeira. Todas as demais, ou eram falsas, ou simples invenção humana, ou preparação para o evangelho, ou, no máximo, uma participação da religião cristã.

- No mundo católico, todavia, não faz 50 anos que abandonamos o exclusivismo. A mudança veio com o Concílio Vaticano II, quer dizer, começou

"A Igreja Católica não rejeita nada que seja verdadeiro e santo nestas religiões não cristãs. Considera com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas, que, embora em muitos pontos difiram do que ela mesma crê e propõe, não raro refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens"
(*Nostra Aetate*, 2).



Templo budista, o Pagode Shwedagon em Mianmá, antiga Birmânia.

nesta geração viva atual, o que explica, no imaginário popular, não ter havido tempo de estender-se, nem de lançar raízes. Pelo contrário, a mentalidade popular comum ainda pensa, no fundo, que somente o Cristianismo é a religião verdadeira.

- A posição pluralista, de que Deus se revela em todas as religiões, sem discriminações por parte de Deus, é uma posição teológica mas ainda encontra muita resistência.

- Foi o pensamento civil, filosófico,

científico, profano... que levou essas transformações às Igrejas. Foi a ciência, a filosofia, os movimentos sociais e políticos em geral... que empurraram as Igrejas cristãs a abandonar a postura de monopólio, de exclusivismo, de "cristandade", forçando a transformação da sociedade.

- Lamentavelmente, muitas Igrejas cristãs têm estado, na história, contra todas as "liberdades modernas", e ainda estão oficialmente contra o Pluralismo Religioso. Somente tomaram a iniciativa de proclamar o "diálogo interreligioso" quando dele necessitaram, por ser minoria... As instituições religiosas, normalmente, estão muito influenciadas por seus próprios interesses institucionais.

- O Concílio Vaticano II foi, para a Igreja Católica, uma aceitação de boa parte da crítica que a cultura moderna havia feito às atitudes integristas da Igreja nos últimos séculos. Foi um pôr-se em dia de sua parte, e uma reconciliação com o mundo moderno. Mas, imediatamente, ficou evidente que aquilo não bastava, era necessário elaborar nova leitura do Pluralismo Religioso porque se produziu uma involução na Igreja Católica e a postura oficial ficou travada.

- Não obstante, também há que se assinalar que sempre houve outra face do Cristianismo: pessoas de fé, filósofos, teólogos que, excepcionalmente, intuíram que a atitude comum de exclusivismo fechado não correspondia à verdade e se abriram a atitudes mais tolerantes e pluralistas (Erasmus de Rotterdam, Nicolau de Cusa, Ramón Llull, Marcílio Ficino...) mas, em caráter excepcional.

(Continua na próxima edição.)

Para o texto integral, acesse <http://servicos.koinonia.org> e clique: Cursos de Teologia Popular — Teologia do Pluralismo Religioso (em espanhol).

José Maria Vigil e missionário claretiano no Panamá, coordenador da Agenda Latino-americana Mundial.

Maria Ana Mogas

**Franciscana Missionária da Mãe do Divino Pastor
(1827-1896)**

Vimos apresentando aos nossos leitores resumos de vidas de santos e beatos canonizados, recentemente, pelo papa João Paulo II. Dessa maneira, seus exemplos de cristãos, por serem mais próximos, poderão ter mais eco em nós.

Maria Ana Mogas Fontcuberta, nasceu em Corró del Vall-Granollers, Barcelona, Espanha, no dia 13 de janeiro de 1827. O seu lar era profundamente cristão e harmonioso. Sua Primeira Comunhão marcou o despertar de um grande amor à Eucaristia e à Santíssima Virgem.

Aos 7 anos de idade, perdeu o pai e, aos 14, ficou órfã também da sua mãe. Acolheu-a, então, em sua casa, a tia e madrinha, da qual recebeu todo o afeto e grande ajuda financeira. Na paróquia de Santa Maria do Mar, em Barcelona, descobriu a sua vocação ao seguimento de Jesus.

Aos 21 anos, possuía já uma rica personalidade humana e espiritual, capaz de assumir grandes compromissos. Conheceu, então, as monjas ex-claustradas da Ordem Capuchinha, com as quais formou um primeiro grupo para se dedicar à formação infantil e juvenil, aprovado, inicialmente, pelo bispo de Vic, que recebeu com alegria, a proposta da fundação. Conhecidas como "senho-

ras do ensino" desenvolviam excelente trabalho. Apesar de tanta dedicação, os auxílios econômicos começaram a faltar, devido ao não-cumprimento de compromissos assumidos pela Administração Municipal da localidade. Chegaram a passar fome e foram obrigadas a pedir esmola. Após os primeiros meses do seu estabelecimento na Vila de Ripoll, aconselhadas pelo pe. Tous, elas escolheram Maria Ana para dirigir, organizar e responsabilizar-se pela vida espiritual e apostólica da comunidade.



Ilustrações: Arquivo

Algum tempo depois, as ex-claustradas capuchinhas retornaram ao próprio mosteiro e Maria Ana Mogas assumiu sozinha a responsabilidade de levar avante sua obra. Novos membros aderiram ao Instituto, formados segundo a inspiração

marcadamente franciscana e vitalmente mariana, própria de Maria Ana Mogas. Surgiu assim uma nova Congregação: a das Franciscanas Capuchinhas da Divina Pastora, com uma casa também em Madri.

Apesar desta divisão, a de Barcelona e a de Madri, com constituições próprias, Maria Ana aceitou mais esta prova da divina Providência. Continuou a dedicar-se à sua obra com ânimo sereno, retidão de coração e segurança no cumprimento da vontade de Deus.

O Instituto de Madri foi-se enriquecendo com novas vocações formadas na prática das virtudes características da Fundadora. A caridade foi o farol que iluminou a sua vida. Todos os que conviviam com ela descobriram que, do seu coração e contemplação de Deus Amor, derivava a suavidade e a doçura de uma mãe que a todos atendia, com amor preferencial pelos mais pobres e necessitados de bens espirituais ou materiais.

Perto de sua morte, extenuada fisicamente pela enfermidade que a fez sofrer muito nos últimos oito anos, Maria Ana pôde dizer que cumprira o seu dever como educadora e pedagoga, em resposta fiel ao carisma recebido de Deus. No dia 3 de julho de 1886, morreu, piedosamente, repetindo: "Quando te verei, meu Deus, quando?"

Foi beatificada pelo papa João Paulo II, aos 6/10/1996, na Praça de São Pedro, no Vaticano.

4
julho

Catarina Jarrige

Dedicada aos pobres, doentes - (1754-1836).

Catarina Jarrige nasceu em 4 de outubro de 1754, em Doumis, diocese de Saint-Four, França. Os habitantes do lugar conheciam-na como "Catinon-Menette", diminutivo dialetal, o primeiro, de Catarina, e o segundo, de monja. Era a sétima filha de uma família pobre e camponesa. Sua mãe faleceu quando ela tinha apenas 13 anos. Catarina, então, começou a dedicar-se a algum trabalho como rendeira.

Sentia-se chamada a servir aos pobres, aos doentes e aos órfãos e, por isso, ela procurou aperfeiçoar-se na vivência da caridade através dos ensinamentos recebidos na Ordem Terceira de São Domingos. Viveu esse carisma dominicano, tomando como exemplo a sua protetora, Santa Catarina de Sena, esforçando-se para crescer na piedade e vida cristã. O que mais lhe custou foi renunciar à dança, pois demonstrava uma excelente inclinação para essa arte. Ela oferecia aos doentes os cuidados do corpo e da alma, encaminhando-os para a valorização do sofrimento.

No início do ano de 1791, ao ver sacerdotes que não prestavam juramento à constituição revolucionária serem expulsos das paróquias, proibidos de ensinar e de pregar, combateu aquela violência com a caridade. Durante quase nove anos, pôs todas as suas atividades caritativas e a sua criatividade a serviço desses clérigos que contrariavam as ordens políticas



da época. Conseguia refúgio para eles, que deviam esconder-se nas montanhas de Auze e Dordogne, em casas, em currais e paióis, levando-lhes comida, roupas, paramentos, hóstias e vinho para a celebração. Não se envergonhava de pedir esmolas a fim de arrecadar fundos para essa causa.

Em sua própria casa, Catarina acolheu dois sacerdotes para assegurar o ministério pastoral à cidade de Mauriac. Chegou a ser presa duas vezes, mas por falta de provas foi posta em liberdade. Terminada a Revolução, ela contribuiu ativamente no restabelecimento da Igreja Católica na região, convertendo-se assim em "a monja dos sacerdotes". Morreu no dia 4 de julho de 1836, venerada com "mãe" de todos, ricos e pobres, aos quais mostrou sempre a ternura de Deus. Foi beatificada, aos 24 de dezembro de 1996, pelo papa João Paulo II, na Basílica do Vaticano.

IRMÃS DOMINICANAS DE SANTA CATARINA DE SENA



JOVEM

embarque em nossa proposta de fazer o bem em todo tempo e lugar.

- Educação • Catequese
- Pastoral paroquial
- Assistência e Pastoral da Saúde
- Missões: dentro e fora do País

**VENHA NOS VISITAR
OU
COMUNIQUE-SE CONOSCO**

São Paulo, SP

Casa Provincial
Rua Manoel da Nóbrega, 307 (Paraíso)
CEP 04001-081 Tel. (0__11) 288-2951
e-mail: irsdominicanas@uol.com.br

Limeira, SP

Praça Dr. Luciano Esteves, 30
CEP 13 480-048 - Tel. (0__19) 441-6916

Londrina, PR

Rua Caetano Munhoz da Rocha, 258
(Parque Bom Retiro)
CEP 86 025-660 - Tel. (0__43) 329-1326

Petrolina, PE

Rua Joaquim Nabuco, 541
CEP 56 300-000 - Tel. (0__81) 861-0327

CONHEÇA NOSSO TRABALHO PELA INTERNET:
www.dominicanas.com.br

"Nada se pode comparar com a felicidade de ser toda de Deus"
(Madre Fundadora)

Não voltar para a aldeia

Geraldo Araújo Lima

No nosso linguajar comum, poucos vocábulos são tão evocativos quanto *aldeia*, cantada por toda parte em prosa e em verso. Ao rabiscar estas linhas, vêm-me à mente Alexandre Herculano, com a narrativa do *Cura da Aldeia*; e Fernando Pessoa, com o *rio que corre pela minha aldeia...* e com o *sino da minha aldeia, dolente na tarde calma, cada sua badalada soa dentro de minha alma...* Como também o nosso cancionista popular brasileiro, com seu vasto repertório: *Prateia a serra, tudo prateia o luar branco da minha aldeia...*

Aliás, a aldeia tem crescido tanto, ultimamente, que terminou aos poucos abandonando o lirismo dos poetas para se incorporar ao realismo dos sociólogos. Hoje já se fala até em aldeia global!

Jesus e a aldeia

Talvez essa aldeia sociológica nos ajude a compreender a estranha atitude de Jesus, ao curar o cego de Betsaida. Vejamos o texto na íntegra, de acordo com a Tradução Ecumênica da Bíblia:

Eles chegaram a Betsaida; trazem-lhe um cego e suplicam-lhe que o toque. Tomando o cego pela mão, ele o conduziu para fora da aldeia. Pós-lhe saliva sobre os olhos, impôs-lhe as mãos e perguntava-lhe: 'Vês alguma coisa?' Depois de abrir os olhos, ele dizia: 'Percebo as pessoas, vejo-as como árvores, mas caminham'. Em seguida, Jesus lhe pôs novamente as mãos sobre os olhos e o homem viu claramente; estava curado e via tudo distintamente. Jesus o mandou para casa, dizendo-lhe: Nem sequer entres na aldeia! (Mc 8,22-26).

Mas... por que levá-lo para fora da aldeia? Sobretudo, por que esta advertência final: *Nem sequer entres na aldeia?* Jesus realizou tantos milagres "intra-muros": em Jerusalém, em Cafarnaum, em Caná... Por que não poderia realizar este em Betsaida? Afinal, qual era o perigo da aldeia?

Não devemos nos esquecer de que, nos evangelhos, as curas de cegos são quase sempre efetuadas dentro de um contexto sacramental, rico de simbolismos. O

nossa aldeia. A aldeia faz a nossa cabeça. A aldeia é a nossa cultura, são as nossas circunstâncias, é o nosso grupo étnico ou religioso, são os livros que lemos, os filmes que vemos, a televisão que nos envolve e enreda...

Geralmente, os pensamentos da aldeia não batem com os pensamentos de Deus; os caminhos da aldeia não coincidem com os caminhos de Deus (cf. Is 55,8-9). É que *a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espíri-*



Pintura de Cerezo Barredo, Multiplicação dos pães.

verbo ver é de capital importância para o seguimento de Jesus. Somente aquele que está vendo claro é que pode pôr-se decididamente a caminho. Daí, a constante preocupação de Jesus: *Ainda não entendeis e nem compreendeis? Tendes o coração endurecido? Tendes olhos e não vedes, ouvidos e não ouvis?* (Mc 8,17-18).

Infelizmente, quase sempre nós enxergamos com os olhos da nossa aldeia; pensamos os pensamentos da nossa aldeia; sonhamos os sonhos da

to contrárias à carne; eles se opõem reciprocamente (Gl 5,17).

Os discípulos e a aldeia

Após um ano e alguns meses de contato direto com as massas, através de pregações e prodígios, culminando com o retumbante milagre da multiplicação dos pães, Jesus amargou uma grande decepção: uma colheita magra demais para tanta sementeira! *Desde então, muitos dos seus discípulos se retiraram*

e já não andavam com ele. Então, Jesus perguntou aos Doze: *Quereis vós também retirar-vos?* (Jo 6,66-67).

Foi a partir daí que ele decidiu fazer uma avaliação das suas atividades, retirando-se com seus discípulos da aldeia dos judeus e se dirigindo para o território neutro de Cesaréia de Filipe, nos contrafortes do Hermon, junto às nascentes do rio Jordão. Por sinal, um lindo cenário! Ali lançou a pergunta decisiva: *Quem dizem os homens que eu sou?* A resposta da aldeia, depois desta primeira parte da atuação de Jesus, foi tão confusa e decepcionante quanto a do cego de Betsaida depois da primeira intervenção do Mestre: este confundiu homens com árvores andando, aquela confundiu Jesus com João Batista, Elias ou algum profeta (cf. Mc 8,24.28).

Uma luz brilhou no fim do túnel quando Jesus interpelou diretamente os Doze e Pedro respondeu com acerto: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!* Jesus, no entanto, não se iludiu: se Pedro respondeu certo, não foi porque já se tivesse libertado da aldeia, já estivesse enxergando tudo claro e à distância. Não! Nem a carne nem o sangue que lhe tinham revelado aquilo, mas o Pai. O mesmo Pedro continuava tão envolvido com a aldeia que, quando Jesus anunciou a sua decisão de ir para Jerusalém e lá ser preso, morrer e ressuscitar, ele teve a ousadia de re-preender o Mestre!

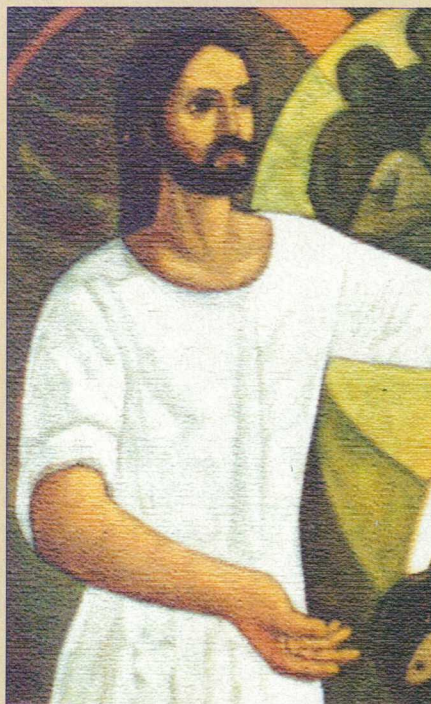
A reação de Jesus foi fulminante: *Afasta-te de mim, Satanás! Tu és para mim uma pedra de tropeço, pois não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!* (Mt 16,21-23).

É doloroso constatar: não obstante todo o cuidado de Jesus e toda a boa vontade deles, aqueles homens, que tinham largado tudo para seguir o Mestre, haviam retornado sorratamente às suas aldeias. É o pesado tributo que to-

dos nós pagamos à nossa natureza humana corrompida. Ninguém melhor que Paulo de Tarso para compreender este drama: *Sabemos que a Lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado. Realmente, não consigo entender o que faço: pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto... É o pecado que habita em mim* (Rm 7,14-20).

Marcos continua mostrando o esforço inglório de Jesus para retirar os discípulos da aldeia: após o segundo anúncio da paixão, os Doze prosseguem discutindo sobre qual deles seria o maior (cf. Mc 9,30-34).

Mais patética ainda é a reação dos



dois filhos de Zebedeu, Tiago e João, logo após o terceiro anúncio da paixão: pedem descaradamente os primeiros lugares no Reino, provocando a indignação dos outros dez, que ambicionavam também os mesmos postos.

Com infinita paciência, Jesus procurava mostrar mais uma vez que é preciso abandonar a aldeia para poder segui-lo: *Sabeis que aqueles que vemos governar*

as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos (Mc 10,42-45).

É neste exato contexto que o evangelista insere a cura do outro cego, ao sair de Jericó; portanto, fora da aldeia. Jesus fez a Bartimeu a mesma pergunta que fizera aos filhos de Zebedeu: *Que queres que eu te faça?* A resposta do cego foi um verdadeiro puxão de orelhas nos discípulos: *Raboni! Que eu possa ver novamente!* (Mc 10,51).

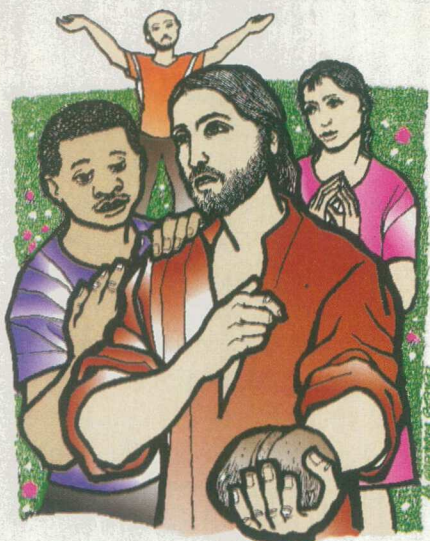
De fato, era preciso ver novamente o imenso panorama que eles viram tão claro quando foram atingidos por aquele primeiro convite do início: *Vinde em meu seguimento e eu vos farei pescadores de homens!* (Mc 1,17). Naquele sublime instante, eles sentiram uma força maravilhosa, que os arrancava dos tentáculos da aldeia, deixando-os livres para a grande aventura que lhes era proposta. Todavia, com o passar do tempo, as nuvens da mediocridade foram toldando o horizonte da generosidade, de modo que muitos já não enxergavam mais que um palmo à frente do nariz. Urgia, por conseguinte, uma sacudida que os despertasse daquele torpor: *Coragem! Levanta-te! Jesus te chama!... No mesmo instante, ele recuperou a vista e seguia-o pelo caminho* (Mc 10,49.53).

Ele, o cego. E os discípulos também!

Agora, sou eu que me pergunto: depois de tantos anos de consagração religiosa e sacerdotal, será que eu não voltei também para a aldeia? Será que não preciso também ver novamente? O Mestre foi categórico: *Não voltes para a aldeia!*



Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; Convento do Carmo, Recife, PE.



OLHAR DA FÉ

18.º domingo do Tempo Comum

3 de agosto de 2003

INTRODUÇÃO

No domingo passado, a fé era o resultado do sinal dado por Jesus na multiplicação dos pães. Neste, somos convidados a meditar que a fé é condição para ver, nos acontecimentos da vida, o sinal de Deus.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Ex 16,2-4.12-15

Durante suas longas migrações em direção ao sul, as codornizes costumam descansar, esgotadas pela longa viagem no deserto do Sinai e se tornam presas fáceis dos beduínos. Até mesmo o maná de que se alimentaram os israelitas no deserto não terá sido uma milagrosa chuva de um alimento muito saboroso caído do céu, mas uma substância muito natural, uma espécie de pingo de açúcar que goteja de um arbusto que, ainda em nossos dias, cresce no deserto do Sinai.

Mais do que descobrir exatamente o que possa ter acontecido, para nós é mais importante desvendar o sentido religioso do acontecimento. Os profe-

tas ensinaram ao povo ler num fenómeno natural, que se apresentava, porém, de modo fora do comum, um sinal da presença divina.

Nós também devemos vislumbrar, em tudo o que acontece, a presença de Deus, que acompanha, com amor providente, nossa vida e destino. É este o sentido da oração inicial da Missa, antes das leituras: “Manifestai, ó Deus, vossa inesgotável bondade para com os filhos que vos imploram e se gloriam de vos ter como criador e guia, restaurando para eles a vossa criação, e conservando-a renovada”.

Mas, além do alimento material, o maná era figura do Pão da vida, a Eucaristia, e da sua Palavra, força de Deus para nosso espírito.

2.ª leitura Ef 4,17.20-24

É este pão que, assimilado por nós, na participação eucarística e na oração, com sua Palavra meditada, há de nos transformar, pouco a pouco em cristãos, verdadeiros discípulos de Jesus Cristo. Para exemplificar isso, Paulo utiliza as imagens do homem novo e do homem velho.

Este último representaria a vida de pecado, de impureza, de avidez e das baixezas de quem se deixa seduzir pelas paixões enganadoras: *Não persistais em viver como os pagãos, que andam à mercê de suas idéias frívolas... Indolentes, entregam-se à dissolução, à prática apaixonada de toda espécie de impureza* (v.17 e 19).

Já o homem novo seria sinônimo da criatura nascida da água do batismo e completamente transformada no seu comportamento moral: *Renunciai à vida passada, despojai-vos do homem velho, corrompido pelas concupiscências enganadoras... e revesti-vos do homem novo, criado à imagem de Deus, em verdadeira justiça e santidade.*

Não é verdade — também para nós — que, às vezes, queremos fazer con-

viver em nós o “homem velho” e o “homem novo”? O resultado é o marasmo espiritual em que patinamos, muito bem caracterizado pelo dito popular: “acender uma vela a Deus e outra, ao diabo”. E Paulo conclui: *Não foi para isto que vos tornastes discípulos de Cristo!* (v.20).

Evangelho Jo 6,24-35

Jesus disse: Quem comer sua Carne e beber seu Sangue jamais sentirá fome. É por esta razão que se tornou “Pão da Vida”... Para poder saciar nossa fome de Deus... Ele também se fez faminto para podermos saciar sua fome de amor humano (Madre Teresa de Calcutá).

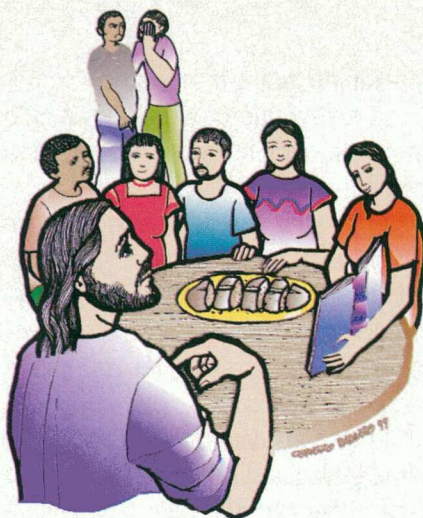
Jesus vai direto ao ponto que interessa: *Não vos preocupeis pelo alimento que perece, mas pelo que dura até a vida eterna.* Tal admoestação faz-nos lembrar de uma outra, registrada pelo evangelista Lucas: Buscai, antes, o justiça e todas estas coisas vos serão dadas pelo vosso Pai que bem sabe que precisais delas! (cf. 12,29-31).

A Bíblia emprega freqüentemente as imagens da fome e da sede para indicar a necessidade de Deus. Muitas vezes, buscamos a felicidade nas coisas materiais (prazeres, festas, viagens, bebida, sexo...), mas, no fim, sempre somos obrigados a admitir que continuamos insatisfeitos. O único Pão que sacia nossa necessidade de felicidade e de paz é a palavra de Cristo. Viva e aplicada no amor aos irmãos, principalmente nos irmãos famintos, sedentos e maltrapilhos.

REFLEXÃO

Quem colocou sua vida no caminho de Cristo poderá aceitar compromissos com os vícios dos pagãos? Nosso olhar de fé sabe ver, no irmão sem ter o que comer, Cristo faminto de amor humano?





AMAR É DOAR-SE AO IRMÃO

19.º domingo do Tempo Comum
10 de agosto

INTRODUÇÃO

A Bíblia emprega freqüentemente as imagens da fome e da sede para indicar a necessidade de Deus. Muitas vezes, o homem busca a felicidade nas coisas materiais, mas, no fim, sempre é obrigado a admitir que continua insatisfeito. O único pão que sacia sua necessidade de felicidade e de paz é a palavra de Cristo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura 1Rs 19,4-8

O deserto que Elias deve atravessar é a imagem da caminhada da nossa vida de amor aos irmãos.

Todos os dias, assim que nos levantamos, nossos parentes mais próximos estão-nos presentes. Somos conhecidos por eles intimamente. Lá caem nossas máscaras e aparecemos a seus olhos como realmente somos. Nossos defeitos não lhes escapam e somos cobrados em nossos pontos fracos.

Cristo nos pede que os amemos e

que lhes demos uma resposta agradecida por nos fazerem ver nossos defeitos. Mas deixamo-nos abater, muitas vezes, porque persistem os conflitos, os desentendimentos, as mesquinhas, invejas e fofocas. Às vezes, nosso desânimo é tão grande que decidimos fugir, largar tudo, e da nossa boca saem palavras semelhantes às do profeta.

A meditação da situação vivida por Elias serve-nos de orientação e guia. Deus não abandona o seu profeta; está ao seu lado, proporciona-lhe o alimento que lhe dá vigor, porém, não o exime da provação, não o dispensa da dura caminhada com milagres. Elias deve atravessar o deserto e enfrentar os perigos e as dificuldades.

Fugir dos problemas domésticos nunca será a solução. Enfrentá-los com tato, mas com decisão, sim. Deus não nos dispensa das nossas tarefas, não toma o nosso lugar; quando cansados, não nos carrega nas costas. Aponta-nos o caminho a ser percorrido e não nos deixa faltar o pão de sua Palavra que renova nossas forças.

2.ª leitura Ef 4,30 — 5,2

Por trás dessa atitude nos nossos lares, está a necessidade do perdão. *Perdoai-vos mutuamente, como Deus em Cristo vos perdoou* (v.32).

Este modo de viver encontra seu fundamento no que Cristo fez ou o Pai realizou em Cristo. Viver como discípulo de Cristo é viver como ele e o Pai. Assim como o Pai perdoa, assim devemos fazer nós. Como Cristo ama e se dá em sacrifício, assim devemos amar.

A unidade familiar é fruto do sacrifício pessoal de seus membros. Viver em comunidade é aceitar-se como tal, contribuir para o bem do todo com renúncia vigilante e cotidiana, sem reclamações.

Paulo aponta vícios relacionados com o uso da língua. De fato, se cada um desabafar livremente os próprios maus sentimentos, cria-se um ambiente insu-

portável e torna-se impossível construir uma comunidade, uma família.

Se alguém pensa ser piedoso, mas não refreia a sua língua e engana o seu coração, então é vã a sua religião, escreveu São Tiago (cf. 1,26). E Paulo confirma: *Toda amargura, exaltação e cólera, toda palavra pesada e injuriosa, assim como toda malícia, sejam afastadas de entre vós!*

Evangelho Jo 6,41-51

Qual a resposta de Jesus à nossa fraqueza? — *Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este pão é o que desce do céu para que não pereça quem dele comer* (vv. 48-50).

Jesus garante que todos serão ensinados por Deus. Mas, hoje, como no passado, as posições tomadas diante de Cristo são diferentes: passa-se da acolhida à indiferença, à recusa, à oposição raivosa.

Então, só nos resta perguntar a nós mesmos: deixamo-nos iluminar pela palavra de Deus, ou então, como os judeus do tempo de Jesus, recusamos o “pão do céu” e continuamos aferrados às nossas idéias e às imagens deformadas que temos de Deus, às tradições e práticas religiosas ultrapassadas e inúteis?

Ainda não se fala da Eucaristia. Jesus continua se referindo à sua mensagem, àquele evangelho que devemos os assimilar como pão, até se tornar parte de nós.

REFLEXÃO

Acreditamos que, em qualquer circunstância da vida, a palavra de Deus pode comunicar-nos forças e infundir-nos coragem? Alimentamos, em nossos diálogos, a cordialidade, a afabilidade e, sobretudo, o sentimento de misericórdia? Acolhemos com alegria e gratidão todas as manifestações de Deus?



A EUCARISTIA COMPROMETE-NOS COM OS POBRES

20.º domingo do Tempo Comum
17 de agosto

INTRODUÇÃO

“**D**egustaste o Sangue do Senhor e não reconheces sequer o teu irmão. Desonras esta própria mesa, não julgando digno de compartilhar do teu alimento aquele que foi julgado digno de participar desta Mesa” (S. João Crisóstomo).

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Pr 9,1-9

A primeira leitura nos apresenta a “parábola” da sabedoria, sob a imagem de uma senhora que prepara uma refeição para todos os que não acolhem aquele dom de Deus na vida e arruinam a própria existência, comportando-se de uma forma insensata.

É para estes que, em primeiro lugar, é dirigido o convite para participar do banquete. É suficiente que “tenham fome” que se sintam pobres, que reconheçam estar necessitados de ser iluminados nos caminhos da vida.

Esse banquete não é, portanto, para os que pensam já estarem de posse do segredo da felicidade e da vida, pois sempre se poderá progredir no caminho de sua compreensão (v.5-6).

2.ª leitura Ef 5, 15-20

Como no tempo do Apóstolo, conhecemos quem diga, por exemplo: quando a situação política e econômica melhorar... quando conviver com pessoas de bem... quando o responsável pela comunidade cristã for um homem ou uma mulher mais sábio(a)... daqui a dois anos, quando for fazer um curso no exterior, então começarei a melhorar.

Quem pensa assim, ensina-nos Paulo, é um insensato. Sábio, ao invés, é aquele que, como Paulo, reconhece que o mal existe, mas, não obstante as dificuldades, não desanima e sabe *tirar proveito do tempo presente* (v.16).

Uma outra meditação vale, também, para nossos dias. O excesso de vinho, no tempo do Apóstolo, poderia ser aplicado ao consumo de drogas, hoje. Se o problema estiver em nossa casa, choros, queixas, recriminações, agressividade e violência não adiantam nada.

Nesse momento crucial, o dependente de drogas necessitará de todo o nosso apoio. Não só médico, psicológico ou psiquiátrico, mas da solidariedade total. A família toda deve-se envolver no tratamento terapêutico. Aí, o dependente verá que seus melhores amigos estão dentro de seu próprio lar.

As melhores e mais eficientes armas para combater o abuso das drogas são o amor, o carinho, a compreensão e o diálogo... *Tende em conta que o Senhor está no céu, Senhor tanto deles como vosso, que não faz distinção de pessoas* (6,9).

Evangelho Jo 6, 51-58

Meditamos, nos dois domingos anteriores, que o “pão do céu” a ser

consumido era sua doutrina. Neste, Jesus revela que o pão a ser comido não seria somente sua Palavra, mas também sua própria carne.

Por isso é que diziam: *Isto é muito duro! Quem o pode admitir?* (v.60). Jesus, diante de sua incredulidade, não mudou o tom de seu discurso e acrescentou, ainda, que seria preciso também beber o seu sangue!


Jesus não falava de seu físico. A sua carne (músculos, ossos e nervos), não poderia ser comida, nem seu sangue material, bebido, mas sua pessoa, na sua integridade, esta sim podia ser assimilada através do sacramento.

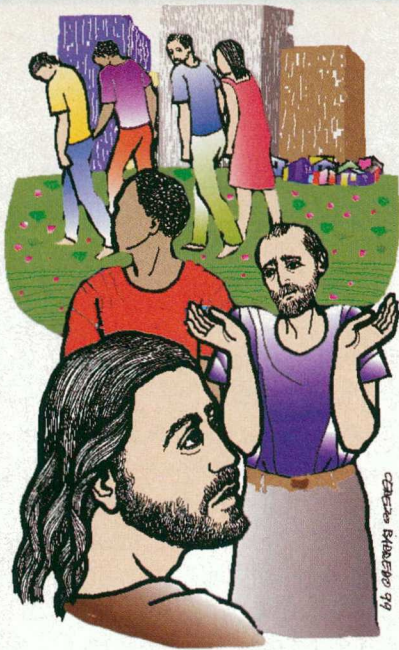
Mas a comunhão não é um rito mágico. Este sacramento não substitui a palavra de Deus. Pelo contrário, não se pode receber o pão eucarístico sem, antes, ter-se ouvido alguma passagem da palavra de Deus. Por quê? Porque quem escolhe se tornar uma só pessoa com Cristo, na Eucaristia, deve aceitar a sua proposta.

O próprio gesto de Cristo, na última Ceia, indica-nos o que ele desejava: Tomou o pão e o *partiu*... Se não quisermos que nossas comunhões sejam uma mentira, devemos escolher um caminho no qual estejamos à disposição de todos.

Ao instituir o sacramento da eucaristia, Jesus não se limitou a dizer: “isto é meu corpo”, “isto é meu sangue”, mas acrescentou: “entregue por vós... derramado por vós”. Esse caráter de imolação está intimamente ligado ao sacramento, também para nós que o recebemos, ao participarmos do sacrifício do calvário, renovado em cada missa.

REFLEXÃO

Sentimo-nos pobres e rezamos para receber de Deus o dom da sabedoria? Como tratamos os excluídos pelas drogas? A eucaristia compromete-nos com o serviço dos outros? 



QUEREIS VÓS TAMBÉM IR?

21º domingo do tempo Comum
24 de agosto

INTRODUÇÃO

Crer ou não crer em Jesus, esta é a alternativa que nos é apresentada. A proposta pode ser aceita ou rejeitada, mas não “negociada” ou facilitada mediante a supressão de algumas das suas exigências.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Js 24,1-2a.15-17.18b

Os israelitas peregrinaram pelo deserto, durante 40 anos, e eram nômades. Agora, instalados na Terra Prometida, tinham mudado seu estilo de vida e dedicavam-se à agricultura.

Ao entrarem naquela terra, conheceram outros povos que, evidentemente, adoravam seus próprios deuses, tidos como os distribuidores das chuvas sempre bem-vindas, e responsáveis pelas abundantes colheitas e pela fecundidade dos homens e dos animais.

Javé seria competente, também, em agricultura? E alguns israelitas começaram a duvidar de Deus. Por isso,

Josué os fez decidir-se e escolher entre Javé e os outros deuses.

Nós, também, cada vez que recorremos ao Senhor para nos livrar de um problema e o conseguimos, ficamos-lhe agradecidos e felizes. Mas, as circunstâncias mudam e, a cada nova situação embaraçosa, esquecemos de tudo o que aconteceu antes, como ele procedeu conosco e passamos a duvidar: será que, desta vez, Deus vai me ajudar?

Sem dúvida, no batismo, professamos solenemente a nossa fé, mas tempestades de dificuldades sacodem nosso barco da fé. Por isso, aquela escolha deve ser atualizada, todos os dias, porque somos fracos e há muitos deuses que nos são oferecidos como se fossem fonte segura da felicidade e de realização pessoal. “Cremos, Senhor, mas aumentai nossa fé”.

2.ª leitura Ef 5,21-32

Paulo aceita, sem discutir, as convenções das famílias do seu tempo e lhes imprime um caráter de amor, destinado a transformá-las, humanizá-las e cristianizá-las. Se, hoje, nossas relações dentro de casa progrediram tanto, devem-se, sem dúvida, à influência daquele trabalho da semente cristã.

O exemplo proposto é o de Cristo, que veio não para ser servido, mas para servir. Não é verdade que as brigas começam dentro de nossas casas quando todos querem mandar?

O Apóstolo ensina que não deve haver nenhum domínio sobre os outros, mas submissão e disponibilidade para servir a todos.

Esta proposta de ajuda nunca é uma operação sem dor. Exige um esvaziamento daquele que se dispõe a seguir por esse caminho. Quem tem esse dom do Espírito não pode reclamar da falta de ajuda dos outros, mas cheio de misericórdia respeitar os outros que ainda não tenham amadurecido para acolher

o mandamento do Senhor: *Dei-vos o exemplo (lavei os vossos pés) para que, como eu vos fiz, assim façais também vós* (Jo 13,15). Nesse sentido, devemos compreender aquela outra frase de Jesus: *os inimigos do homem serão as pessoas de sua própria casa* (Mt 10,36).

Evangelho Jo 6,60-69

Jesus agora se manifesta inteiramente. Fica claro o que significa aceitar sua doutrina.

Muitos acham duras suas palavras e decidem abandoná-lo.

É o embaraço diante de uma escolha que não admite possibilidade de alibi ou de fuga, como aconteceu com o jovem rico: *“Se queres ser perfeito — disse-lhe Jesus —, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!”* Ouvindo estas palavras, o jovem foi embora muito triste, porque possuía muitos bens (Mt 19,21-22).

Jesus nada faz para atenuar sua doutrina. Suas palavras convidam-nos a sair de nós mesmos para seguir a Deus; a superar a “carne” para viver no Espírito. Nosso comparecimento final diante de Deus será uma ratificação dos muitos “sins” de nossa vida.

Hoje não somos diferentes dos ovinos daquela época. Se eles achavam difícil superar as aparências e olhar os fatos com os olhos da fé, agora, também. Não achamos fácil aceitar que a vida vem unicamente de Jesus e não, de outros deuses. A opção que salva é a adesão a Cristo: *Tu tens palavras de vida eterna; nós acreditamos e conhecemos que és o Santo de Deus* (vv. 68-69).

REFLEXÃO

Damos, aos nossos irmãos, exemplos de decisão na escolha do verdadeiro Deus? Aceitamos servir com alegria? Pedimos a Cristo que aumente nossa fé?



OBSERVÂNCIA DOS MANDAMENTOS

22.º domingo do Tempo Comum
31 de agosto

INTRODUÇÃO

Desde o início de sua vida pública, Jesus afirmou sua independência diante daquelas tradições judaicas de seu tempo, que eram resultado de preocupações meramente humanas e que ameaçavam anular o verdadeiro espírito da Lei.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Dt 4,1-2.6-8

O apego à Lei, que deu grande destaque ao judaísmo e, em mais de um caso, foi motivo da salvação do povo de Israel, também comportava graves perigos.

Ao colocar no mesmo plano todos os preceitos, religiosos e morais, civis e culturais, entregando-os às sutilezas do apego excessivo à forma da lei, terminava por impor um jugo impossível de carregar.

Como registrou Mateus em seu evangelho a respeito dos maus escribas e fariseus, *atavam fardos pesados e esmagadores e com eles sobrecar-*

regam os ombros dos homens, mas não querem movê-los sequer com o dedo. E, referindo-se ao mesmo assunto, Lucas registrou as palavras do primeiro papa: Por que provocais agora a Deus, impondo aos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar? (Mt 23,4; At 15,10).

Não só no seio da Igreja, mas em nossos lares, pode haver maneiras de agir farisaicas.

Um segundo perigo, ainda mais grave e radical, é o de basear a “justiça do homem” perante Deus não na graça e na iniciativa divina, mas na obediência aos mandamentos e na prática das boas obras. Como se o homem fosse capaz de se salvar sozinho, um pouco à maneira do fariseu: *Não sou como os demais homens... nem como o publicano que está ali... Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de todos os meus lucros (Lc 18,11-12).*

2.ª leitura Tg 1,17-18.21b-22.27

Podemos exagerar a legalidade, o preceito, a exterioridade; viver um cristianismo legalista, exterior, superficial, mais preocupado em obedecer, passivamente, às normas recebidas que em dar uma resposta pessoal e responsável aos chamados de Deus e aos apelos dos irmãos.

Uma mal entendida fidelidade à tradição, que se manifesta em oposição a toda a forma de renovação, é índice de esterilidade espiritual.

São Tiago, na leitura de hoje, adverte: *Tornai-vos praticantes da Palavra, e não simples ouvintes, enganando-vos a vós mesmos!*

Pelo contrário, a fidelidade ao Espírito é uma fidelidade dinâmica, não passiva, conquistadora, não apologética, missionária.

A essência da religião não consiste em exterioridades, em práticas fúteis, ultrapassadas, superficiais, mas na dedicação em favor do órfão e da viúva (v.27).

Evangelho Mc 7,1-8.14-15.21-23

No tempo de Jesus, as purificações tinham uma importância e um valor religioso muito importantes. Para os rabinos, tinham o mesmo valor da palavra de Deus e dos preceitos mais sagrados contidos na Bíblia.

Da mesma forma que alguns piedosos mestres e os profetas, Jesus condenava a farsa religiosa: *Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim* — citando Isaías, 29,13.

A observância das normas, ao pé da letra, pode dar a sensação de dever cumprido, e de tranquilidade diante de Deus que não pode nos acusar de mais nada. Ao passo que construir a vida na liberdade dos filhos de Deus, estar permanentemente disponível para o irmão é mais difícil.

Uma mãe não tabela o número de beijos que vai dar no filho, nem das roupas que vai lavar. Seu amor encontra maneiras mil de se manifestar, momento a momento, com imaginação e atenção. É e está disponível total e incondicionalmente. Tal atitude transmite alegria, serenidade e paz interior.

Não devemos desprezar nenhuma tradição, mas todas devem ser submetidas a uma verificação: se reproduzem as exigências do Evangelho de Jesus. Ou, de outra maneira, se apenas são costumes derivados de gostos e formas de pensar dos homens de determinada época ou lugar. Para Jesus, o que importa é sempre o coração, não as práticas externas.

REFLEXÃO

Se temos poder de mando, nosso critério é o amor ao próximo, com diálogo, sem imposições? Nossa religião se resume a práticas externas ou à busca da conversão do coração? Podemos afirmar que mantemos puro nosso coração?



AGOSTO

17ª semana do Tempo Comum

1.º - sexta: Lv 23,1.4-11.15-16.27.34b-37 = As festas do Senhor. Sl 80. Mt 13,54-58 = Jesus desprezado em Nazaré.



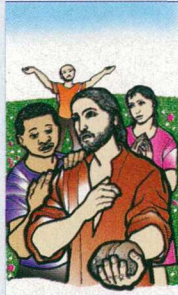
2 - sábado: Lv 25, 1.8-17 = Ano sabático e jubileu. Sl 66. Mt 14,1-12 = Assassínio de João Batista.

18.ª semana do Tempo Comum

4 - segunda: Nm 11,4b-15 = Moisés entristecido pela revolta do povo. Sl 80. Mt 14,13-21 = Primeira multiplicação dos pães.

5 - terça: Nm 12,1-13 = Deus não tolera que se critique Moisés. Sl 50. Mt 14,22-36 = Jesus anda em cima da água; Pedro vacila.

6 - quarta: *Transfiguração do Senhor.* Dn 7,9-10.13-14 = Suas vestes eram brancas como a neve. Sl 96. Mc 9,2-10 = Este é o meu Filho amado.



7 - quinta: Nm 20,1-13 = Brota água da pedra em Meribá. Sl 105. Mt 16,13-23 = Pedro declara sua fé em Jesus.

8 - sexta: Dt 4,32-40 = Deus manifestou um amor extraordinário pelo seu povo. Sl 76. Mt 16,24-28 = Renúncia, para seguir Jesus.

9 - sábado: Dt 6,4-13 = Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o coração. Sl 17. Mt 17,14-20 = Cura do menino epiléptico.

19.ª semana do Tempo Comum

11 - segunda: Dt 10,12-22 = Corresponder ao amor de Deus com a obediência. Sl 147. Mt 17,22-27 = Segundo anúncio da Paixão; Jesus paga o imposto.

12 - terça: Dt 31,1-8 = Moisés designa Josué seu sucessor. Cânt.: Dt 32,3-12. Mt 18,1-5.10.12-14 = Questão de vaidade; a ovelha perdida.

13 - quarta: Dt 34,1-12 = Morte de Moisés. Sl 65. Mt 18,15-20 = Correção fraterna; oração comunitária.



14 - quinta: Js 3,7-10a.11.13-17 = Passagem do rio Jordão. Sl 113A, 1-6. Mt 18,21 — 19,1 = Parábola do servo cruel.

15 - sexta: Assunção de N.Senhora. Ap 11,19a;12,1-6a.10b = A arca de Deus. Sl 44. 1Cor 15,20-27 = Vitória em Jesus Cristo. Lc 1,39-56 = Feliz quem ouve a Palavra.

16 - sábado: Js 24,14-29 = Escolhei hoje a quem quereis servir. Sl 15. Mt 19,13-15 = Jesus e as crianças.

20.ª semana do Tempo Comum

18 - segunda: Jz 2,11-19 = Deus suscita juízes. Sl 105. Mt 19,16-22 = O jovem rico: dá o que tens, vem e segue-me!

19 - terça: Jz 6,11-24a = Deus chama Gedeão para salvar Israel. Sl 84. Mt 19,23-30 = Apego às riquezas impede a salvação; promessa do cêntuplo.

20 - quarta: Jz 9,6-15 = O estéril reinado do usurpador Abimelec, em Siquém. Sl 20. Mt 20,1-16a = Parábola dos operários da vinha, contratados sucessivamente.



21 - quinta: Jz 11,29-39a = Voto de Jefté: sacrifício da própria filha! Sl 39. Mt 22,1-14 = Parábola da festa das bodas: convidai todos!

22 - sexta: *Nossa Senhora Rainha.* Is 9,1-6 = Foi-nos dado um Filho. Sl 112. Lc 1,26-38 = Anunciação do nascimento de Jesus.

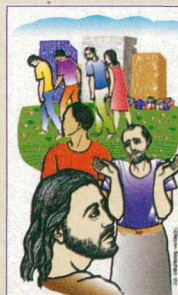
23 - sábado: *Sta. Rosa de Lima, Virgem, Padroeira da América Latina.* Quem se gloria, glorie-se no Senhor. Sl 148. Mt 13,44-46 = O tesouro. A pérola. A rede.

21.ª semana do tempo Comum

25 - segunda: 1Ts 1,1-5.8b-10 = Admirável conversão dos cristãos de Tessalônica. Sl 149. Mt 23,13-22 = Acusações contra os escribas e os fariseus.

26 - terça: 1Ts 2,1-8 = Falamos não para agradar aos homens, e sim a Deus. Sl 138. Mt 23,23-26 = Pagais o dízimo, mas, por dentro, estais imundos.

27 - quarta: 1Ts 2,9-13 = Paulo defende e reafirma sua pregação. Sl 138. Mt 23,27-32 = Escribas e fariseus: sepulcros caiados, assassinos dos profetas!



28 - quinta: 1Ts 3,7-13 = Missão de Timóteo: Deus confirme os vossos corações. Sl 89. Mt 24,42-51 = Exortação à vigilância.

29 - sexta: *Martírio de S. João Batista.* Jr 1,17-19 = Levantar-te-ás e lhes dirás tudo o que eu te ordeno. Sl 70. Mc 6,17-29 = Quero a cabeça de João Batista.

30 - sábado: 1Ts 4,9-11 = Exortação à caridade fraterna e ao trabalho. Sl 97. Mt 25,14-30 = Parábola dos talentos.

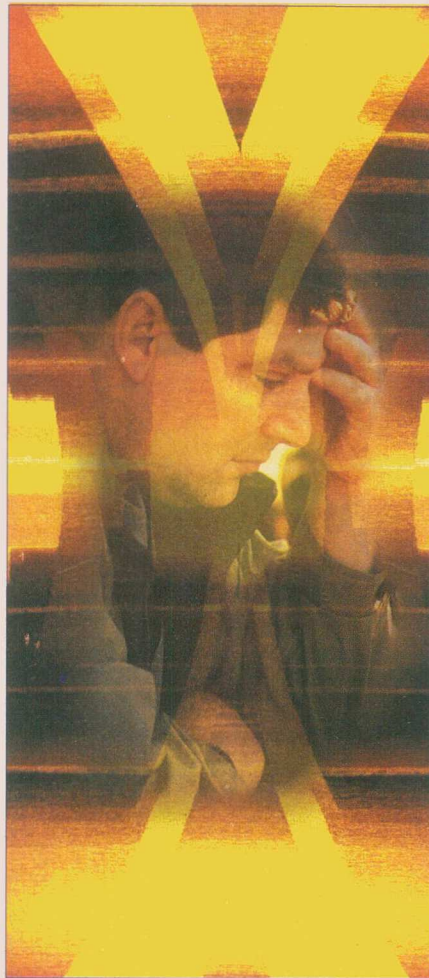
Falando consigo mesmo através do outro

Wimer Bottura Jr.

(Continuação.)

Quando Henrique apresentou problemas cardíacos graves, aos quarenta anos, foi obrigado a procurar um médico e acabou sendo internado às pressas. Como todos estavam preocupados e agitados, fui chamado para acalmar a família. Na primeira entrevista, pude perceber como era a interação do grupo. Embora a família, os amigos e correligionários estivessem agitados, procurando demonstrar que se ocupavam de Henrique, que sofriam por ele, havia um aspecto de prazer neste clima armado. Um prazer que trazia também um certo alívio, o prazer de poder se sentar em uma cadeira, cansado, extenuado na verdade, e pensar: "Até que enfim posso descansar, pelo menos enquanto ele está doente".

Pois é, cada um fazia uma série de coisas que atendia à necessidade de demonstrar que fizera algo pelo doente, mas na verdade todos faziam algo para si. Os filhos, a mulher principalmente, precisavam estar extenuados, pois só assim provariam que sentiam pela doença do pai. Henrique precisava de sossego, repouso, tempo para se recuperar, e todos ofereciam agitação: contavam o número de visitantes, os telegramas, comentavam as ausências e as fofocas. Em nenhum momento percebi alguém ouvindo-o ou se interessando por ele. Conversavam entre si, e nem sequer se olhavam. Toda aquela agitação era somente para provar aos outros que estavam sofrendo e preocupados com "aquele a quem de-



veriam amar", pois afinal de contas era o seu pai, seu marido, seu amigo, seu cabo eleitoral, seu chefe político. Esta família chega a ser psicótica, apesar de ser considerada um exemplo para muitos. No leito do hospital, Henrique manifestava a todo instante a preocupação com a volta às atividades, que já estava até demorando demais, seguindo os próprios parentes.

Poucos dias depois da alta hospita-


lar, Henrique fez regime por algum tempo, emagreceu cerca de vinte quilos, abaixou sua diabetes e a pressão. Seis meses depois, voltou tudo ao que era antes. Não resistiu ao segundo enfarte.

Dizer que estas pessoas não se comunicavam entre si pode até parecer absurdo para muitos, pois eles conversavam, trocavam informações, desempenhavam tarefas juntos. Não havia demonstração verbal de raiva ou qualquer outra forma de frustração. No entanto, o olhar, a sensibilidade mais aguçada, poderiam revelar quanto estas pessoas estavam infelizes, embora sorridentes e sempre ocupadas. Da mesma forma que esta família, outras se dedicam a diferentes espécies de fanatismo, geralmente tentando ocultar um sentimento desagradável sustentado pelas crenças do tipo "Não vale a pena", "Não consigo" ou "Eu não tenho jeito mesmo". A falta de confiança em si, a falta de esperança, a dificuldade em admitir uma escolha errada, a competição entre familiares, podem estar subjacentes a este comportamento. Através do caso de Henrique, podemos notar que muitas pessoas, talvez a maioria, ainda preferem tentar ocultar ou disfarçar suas dificuldades, em vez de procurar solucioná-las. É possível que nem sequer tenham consciência das mesmas.

Não existe escapatória, nossas dores emocionais irão sempre alterar o nosso comportamento e nos desviar dos caminhos satisfatórios, pois, para disfarçar algo que não aceitamos, acaba-

mos cometendo outros erros, cujas repercussões não temos condições de prever e quantificar. Muitas pessoas, quando têm uma perda importante, pensam que nada mais terão a perder no futuro e, por adotarem medidas de disfarce, longe de soluções, acabam perdendo cada vez mais. Na realidade, perdem a oportunidade de transformar suas vidas e a maneira como percebem o mundo.

No caso de Henrique, a perda foi a mais grave: a própria vida. Mesmo que não houvesse a perda da vida, nesta família, o *modus vivendi* (modo de vida) era infeliz. A resolução da problemática subjacente teria evitado tantas complicações decorrentes da morte do pai e, principalmente, teria lhe dado mais anos de vida. Neste caso ainda, a aceitação social e familiar pelo comportamento de Henrique, e dos demais, foram fatores agravantes.

Não precisaríamos ser tão dramáticos, como no caso acima, para revelar o que se perde quando se deixa de solucionar uma problemática, e simplesmente se passa a acobertá-la. A gama de perdas vai do simples desprazer aos conflitos, às heranças e até a vida. Os médicos muitas vezes, por desconhecimento, desinteresse ou preconceito, simplesmente se limitam a medicar, sem penetrar nas questões mais profundas que, na realidade, estão determinando a problemática. Muitos médicos não sugerem que a pessoa busque solucionar aqueles que são os verdadeiros problemas e tornam-se coniventes com a doença. Mais ainda, prescrevem medicamentos, dietas e práticas até úteis e eficazes temporariamente, mas que poderão, ao longo do tempo, trazer mais danos ao paciente. *(Continua.)* 

Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro *Agressões silenciosas*, Ed. O.L.M., SP.



Senhora da Enfermaria

Roque Vicente Beraldi

Em Lisboa, Portugal, há uma igreja construída em honra de São Vicente de Fora, mártir, soldado cristão que lutou contra os mouros. Sua vida está envolta em lenda.

Conta-se que, numa das batalhas, Vicente foi morto e seu corpo ficou abandonado no campo de lutas. Em lugar de seu cadáver ser devorado pelos corvos, foi por eles guardado.

Depois da vitória, o primeiro rei português ordenou que as relíquias do mártir fossem levadas para a igreja construída fora da cidade. Durante o cortejo da trasladação, os corvos acompanharam o préstito fúnebre de São Vicente. Só depois de ter sido sepultado, eles o deixaram.

Esta crença era geral no povo da época. Nos brasões da cidade, ainda hoje, perduram uma barca que era de São Vicente e dois corvos.

Nessa igreja, encontra-se, na fachada, a estátua do santo. Há uma capela dedicada à Mãe de Deus que recorda a devoção do rei Dom Afonso Henriques (1128-1185) a Maria Imaculada.

Ao lado da igreja, ele construiu um hospital, onde soldados feridos nas batalhas eram tratados. Muito

devoto da Imaculada Conceição, também entronizou, numa das enfermarias, a imagem de Nossa Senhora, à qual os soldados deviam recorrer pedindo a cura dos ferimentos, a recuperação da saúde e implorar a proteção de Maria. Os moribundos recebiam conforto religioso e os mortos, sepultura cristã condigna.

Aos que estivessem prostrados em seus leitos de dor, o rei aconselhava: confie na Senhora da Enfermaria.

A seu exemplo esta mesma invocação era repetida pelos médicos, enfermeiros e devotos: porque atribuíam a Maria Santíssima a vitória sobre os sarracenos. Dessa época em diante, a devoção à Senhora da Enfermaria tornou-se popular em Lisboa.

ORAÇÃO

Ó Deus que inspirais aos vossos servos amor ao próximo, por intercessão de vossa Esposa Imaculada, dai-nos o espírito de caridade, para que, servindo-vos em nossos irmãos e irmãs que sofrem nas enfermarias, possamos partir tranquilos ao vosso encontro, na hora de nossa morte. Por Cristo Senhor Nosso. Amém.

NA PAZ DO SENHOR



Em Itabirito, MG, **Leticia Borges Costa**, aos 6 de fevereiro de 2001.



Em Itabirito, MG, **Edith Lima de Souza**, aos 13 de dezembro de 2002.

Em Brodowski, SP, **Sidney Badan Moran-do**, aos 20 de novembro de 2002.

Em Franca, SP, **Luís Osório Figueiredo**, aos 10 de dezembro de 2002.



BODAS DE OURO

Em Juiz de Fora, MG, **Rita de Cássia Coutinho Coimbra** e **Geraldo de Lima Coimbra**, comemoraram suas Bodas de Ouro de casamento, em 28.2.2003.

Entrada

Salada de berinjela *



Ingredientes:

1 ou 2 berinjelas, água, sal, vinagre, erva-doce, cebola batida, azeitonas pretas, azeite de oliveira e salsa.

Modo de preparar:

1. Corte as berinjelas em rodela e afervente-as, rapidamente, em água, sal, vinagre e uma colher/sopa rasa de erva-doce.
2. Ponha para escorrer e, quando a berinjela estiver fria, monte o prato da seguinte maneira: ponha uma camada de berinjela, uma de cebola batida, salsa picada, azeitonas pretas, mais uma camada de berinjela, e assim por diante, regando sempre com vinagre e azeite de oliveira.

Prato principal

Frango gratinado



Ingredientes:

- 2 peitos de frango
- 1 pacote de sopa de cebola
- 1 vidro pequeno de maionese
- 1 lata de creme de leite

Modo de preparar:

1. Cozinhe o frango em água pura. Quando cozido, desfie e tempere com o conteúdo do pacote.
2. Deixe descansar por 10 minutos. Misture com a maionese e o creme de leite.
3. Coloque em uma forma refratária. Cubra com queijo ralado. Leve ao forno para gratinar. Sirva com arroz à la grega.

Sobremesa

Caçarola italiana



Ingredientes:

- 5 ovos
- 5 colheres/sopa de farinha de trigo
- 5 colheres/sopa de queijo ralado
- 1 garrafa das de cerveja, cheia de leite
- 8 colheres/sopa de açúcar
- 1 colher/sopa de manteiga

Modo de preparar:

1. Bata os ovos (clara e gema) e junte a farinha de trigo, o queijo ralado, o leite e o açúcar misturado com a manteiga.
2. Misture tudo muito bem e leve a assar, em banho-maria, numa fôrma caramelizada.
3. Desenforme depois de frio.



* BERINJELA



- É um legume que contém pequenas quantidades de vitamina B5 e sais minerais como Cálcio, Fósforo e Ferro. A Niacina (vitamina B5) protege a pele e ajuda na regularização do sistema nervoso e aparelho digestivo. Os minerais Cálcio, Fósforo e Ferro contribuem para a formação dos ossos e dentes, construção muscular e coagulação do sangue.
- Poucas pessoas sabem, contudo, que ela é um vegetal com poder de diminuir o colesterol e reduzir a ação das gorduras sobre o fígado. Seu suco é utilizado nas inflamações dos rins, bexiga e uretra como poderoso diurético. A berinjela é muito recomendada para quem sofre de

artrite, gota, reumatismo, diabetes e inflamações da pele em geral. Como tem poder laxante, aconselha-se nas indigestões e prisão de ventre.

- Na hora da compra, deve-se dar preferência às que se apresentam firmes, de cor roxa uniforme e lustrosa. As berinjelas devem ser guardadas em geladeira, dentro de sacos plásticos, assim se conservam em bom estado por duas semanas.
- As pessoas têm o hábito de mergulhá-las em água e sal antes de seu preparo, mas esse procedimento anula o sabor do legume e grande parte de suas propriedades nutritivas. O período de safra da berinjela vai de janeiro a maio. Cem gramas de berinjelas fornecem 27 calorias.



ALEX! HÁ QUANTO TEMPO!

OII! MOSCÃO!



PUXA, VOCÊ SUMIU... NÃO FOI MAIS À ESCOLA!

É...PRECISEI TRABALHAR...



TRABALHAR? COM ESTA IDADE?

EU SEI...MAS MORO COM MINHA AVÓ E ELA PRECISA DE MIM!



NOSSA! QUE DESENHO LEGAL! APOSTO QUE VOCÊ VAI SER UM ÓTIMO DESENHISTA!

É...



NOUTRO DIA...

"E AÍ...?"

"FALÁ, ALEX...AONDE VOCÊ VAI?"



AHM...VOU À ESCOLA...



QUÊ ISSO!? TRABALHAR E ESTUDAR? A GENTE VAI DAR "UMAS VOLTINHAS..." "VAMOS NESSA?"

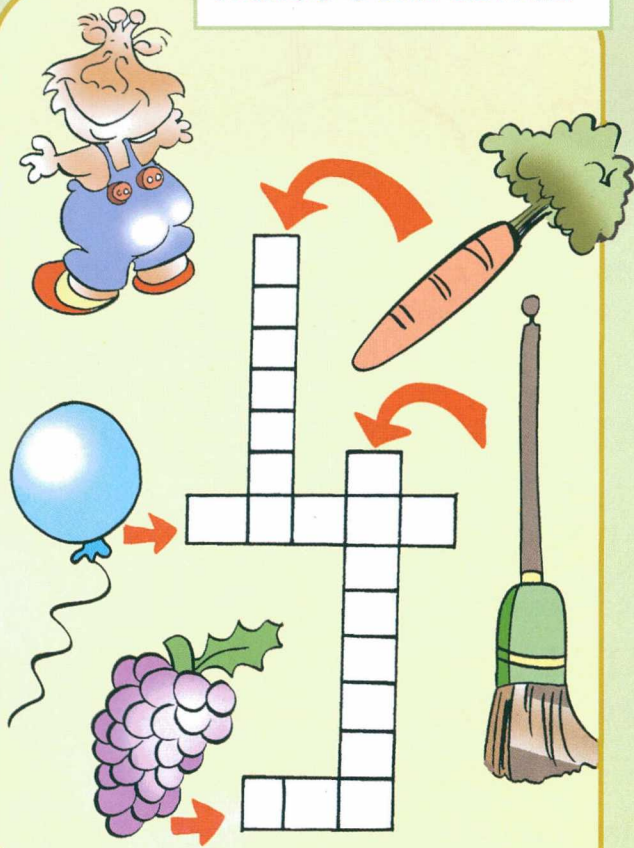


HAM...BEM...É... "VAMOS NESSA..."



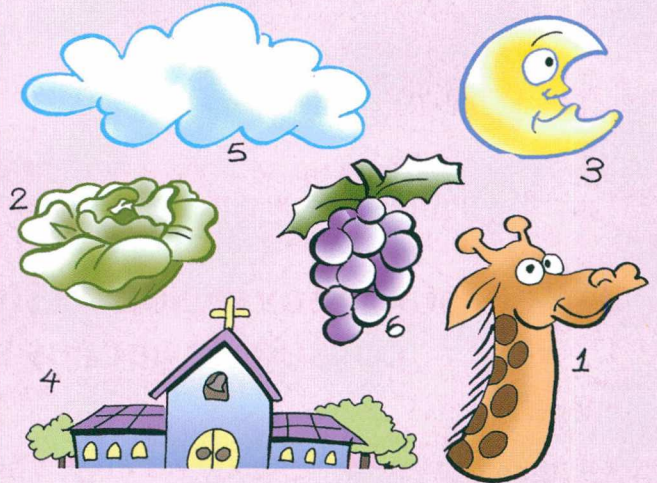
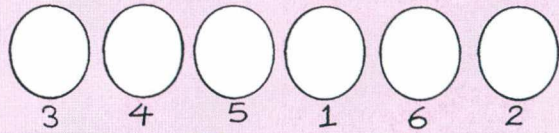
FIM

VAMOS COMPLETAR?



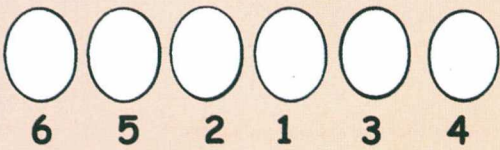
O QUE É O QUE É ?

NÃO FICA NA ÁGUA MAS VIVE MOLHADA?
COLOQUE A PRIMEIRA LETRA DE CADA FIGURA NOS LUGARES INDICADOS E DESCUBRA!



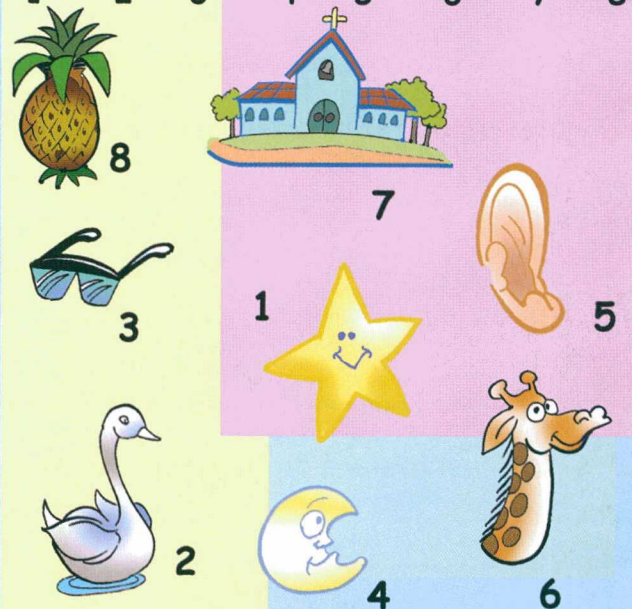
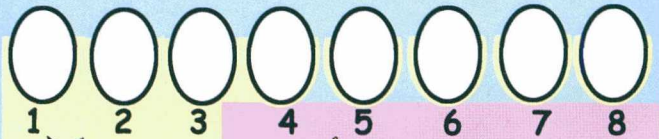
O QUE É O QUE É ?

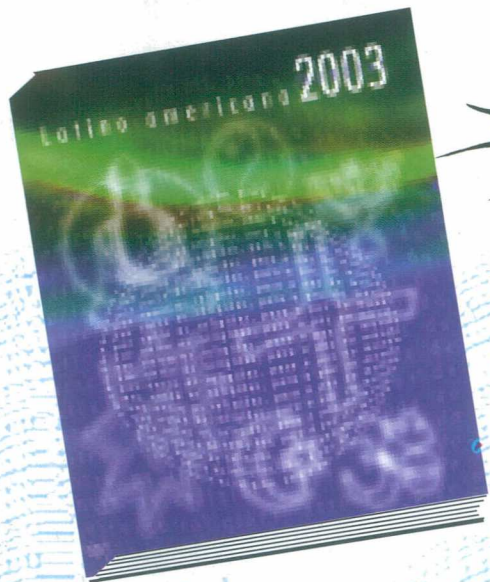
DÁ A VOLTA AO MUNDO MAS NÃO SAI DO LUGAR?
COLOQUE A PRIMEIRA LETRA DE CADA FIGURA NOS LUGARES INDICADOS E DESCUBRA!



O QUE É O QUE É ?

UMA CIÊNCIA PARA SER CONHECIDA E VIVIDA
POR TODOS?





Para você, Assinante!

Em tempos de guerra, a PAZ a partir do diálogo entre as religiões!

O livro “LATINO-AMERICANA-MUNDIAL 2003” (agenda)

(O tema desse livro: A paz entre as religiões, para a paz do mundo. São páginas escritas por mais de 40 autores mundialmente conhecidos que apontam caminhos para esse diálogo. Mais de 100 mil exemplares vendidos no mundo em 7 línguas.)

Basta renovar SUA ASSINATURA, por mais um ano, e conseguir apenas UMA ASSINATURA NOVA.

- Veja como é fácil:
- Junte o valor da RENOVAÇÃO de sua assinatura por mais 1 (um) ano (R\$ 25,00) ao valor da ASSINATURA NOVA de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00).
- Mande o total: R\$ 50,00, com os cupons abaixo, devidamente preenchidos, para:

**Revista Ave Maria – Agenda LA 2003
Rua Martim Francisco, 636 – 5º andar
CEP 01226-000 São Paulo, SP**

Faça o cheque nominal à “Ação Social Claretiana”

- Outras formas de pagamento ou mais informações:
Ligue grátis 0800-555-021

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est:

CEP: _____ Telefone: (.....)

Assinatura Data: / /

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est:

CEP: _____ Telefone: (.....)

AVÉ
MÁRIA
REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SPM
AVE MARIA
CORREIOS